

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

ANDREIA BERGMANN

UMA ANÁLISE DO PAPEL EXERCIDO PELA MULHER EM *WALDEN II*

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

ANDREIA BERGMANN

UMA ANÁLISE DO PAPEL EXERCIDO PELA MULHER EM *WALDEN II*

**Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof^a Dr^a
Denize R. Rubano**

SÃO PAULO

2017

Área de conhecimento: 7.07.09.05-0 - Planejamento Ambiental e Comportamento Humano

Título: Uma análise do papel exercido pela mulher em *Walden II*

Ano: 2017

Orientanda: Andreia Bergmann

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Denize Rosana Rubano

RESUMO

O presente trabalho pretendeu analisar o papel exercido pela mulher em *Walden II* (1948/1978) de B. F. Skinner, como é tratada a questão de gênero no livro, as diferenças existentes entre as contingências às quais estão submetidos mulheres e homens na narrativa, como subsídio para pensar a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade na atualidade a partir da perspectiva da análise do comportamento. O trabalho é relevante na medida em que, ao descrever uma sociedade diferente da de seu tempo, Skinner expõe um arranjo de contingências que nos permite pensar valores e práticas sob uma nova perspectiva, incluindo a desigualdade de gênero, suscitando analisar as práticas atuais vislumbrando possibilidades de mudança. Foi lido o livro *Walden II* (1948/1978), impresso, na versão em português, e foram escolhidos trechos em que apareceram temáticas relacionadas a questões femininas. Os trechos escolhidos foram transcritos no *Word* e organizados segundo as seguintes categorias: Atividades/tarefas desempenhadas por homens e mulheres; Menções à igualdade; Menções a diferenças; Participação nas decisões acerca da vida na comunidade; Vida fora da comunidade; Questões relativas à educação; Questões relativas à sexualidade; Questões relativas à maternidade/casamento; Referências a personagens mulheres; Vestuário feminino; Mulher como “objeto”. A partir disso foi realizada uma análise considerando-se o contexto histórico e história particular da vida de Skinner, assim como conceitos relativos ao movimento feminista. Foi possível concluir que Skinner, apesar de não ter levado em consideração todas as variáveis controladoras que são importantes na desigualdade de gênero, ao escrever acerca de uma comunidade em que há acesso igual aos reforçadores a homens e mulheres, assim como possibilidade de que ambos os sexos realizem quaisquer tarefas na comunidade, o que pode ser entendido como igualdade de gênero, em um momento em que o feminismo não estava sendo muito difundido, foi inovador. Concluiu-se também que a análise do comportamento possibilita uma compreensão das desigualdades de gênero entendendo que elas se dão pelas relações coercitivas socialmente aceitas, que dificultam e até impedem o acesso das mulheres a reforçadores positivos, de modo que os homens dispõem desses reforçadores e podem assim controlar o comportamento das mulheres, tendo dessa maneira vantagens sobre as mesmas. E que é possível e necessária a criação de novas práticas culturais que questionem as regras descritivas e estabeleçam relações não coercitivas e igualitárias dando acesso a reforçadores positivos às mulheres de modo justo, o que deve ser implementado por uma educação que tenha estas mudanças por objetivo.

Palavras-chave: *Walden II*; Feminismo; Vida em Comunidade.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 4 |
| 1.1 Feminismo..... | 9 |
| 1.2 O patriarcado como agência de controle..... | 13 |
| 1.3 <i>Walden II</i> | 14 |
| 1.4 Contexto da produção de <i>Walden II</i> : o período 1928-1947 na autobiografia de Skinner..... | 16 |
| 1.5 O momento histórico que marca a produção de <i>Walden II</i> | 19 |
| 1.6 Skinner, <i>Walden II</i> e a questão feminina..... | 24 |
| 2 MÉTODO..... | 30 |
| 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO..... | 31 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| REFERÊNCIAS..... | 45 |
| APÊNDICE A – Categorização dos trechos selecionados para análise..... | 47 |
| APÊNDICE B – Linha do tempo..... | 68 |

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade social existente entre gêneros é clara e podemos testemunhar essa condição desfavorável em relação ao mundo feminino na taxa de desemprego, em relação ao setor ocupado e ao cargo exercido pelas mulheres, abaixo nas hierarquias socioeconômicas, assim como no menor salário, seu maior exercício de tarefas domésticas, o grande número de “mães solteiras”, e as altas taxas de feminicídio e estupro, tanto no Brasil quanto no mundo, entre outras condições que marcam essas desigualdades de gênero.

A desigualdade entre gêneros ainda é hoje um grande desafio provocado pela discriminação contra as mulheres que gera problemas econômicos, inibindo o progresso e a paz. Deve ser objetivo comum acabar com ela, diz a ONU Mulheres (2012-2013). Os danos causados pela desigualdade e violência são imensuráveis à mulher, familiares e amigos, à economia e à sociedade.

Os estudos a seguir elucidam a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade:

Nos salários

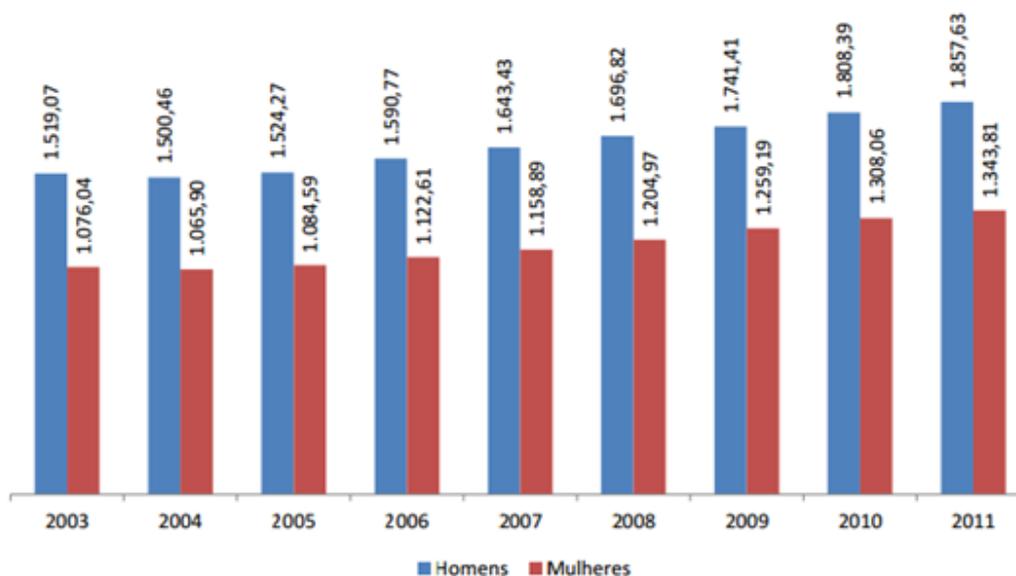


Figura1 - Rendimento médio real do trabalho das pessoas ocupadas, por sexo (em R\$ a preços de dezembro de 2011) – 2003 – 2011*

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011**. *Média das estimativas mensais.

A Figura 1 mostra o rendimento médio real do trabalho de pessoas ocupadas e como é possível perceber há uma grande diferença na rentabilidade entre homens e mulheres. A média da diferença de salários entre homens e mulheres de 2003 a 2011 foi de R\$ 473,13. O valor máximo de diferença de rendimentos foi de R\$ 513,82 e o mínimo foi de R\$ 434,56. A média da porcentagem

do salário feminino em relação ao masculino foi de 71,35% nos nove anos da amostragem. A taxa de crescimento do salário das mulheres foi de aproximadamente 79,09% da taxa de crescimento do salário dos homens. Isso denota uma grande desvalorização do trabalho feminino o que pode implicar num menor ganho de bens materiais e status social assim como contribuir para que as mulheres fiquem economicamente dependentes dos homens em geral.

Na violência

Segundo o Balanço 2015 da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República que contabilizou os relatos de violência da central de atendimento à mulher (Ligação para o número 180), houve 76.651 relatos em 2015, sendo que a maior parte deles foi de violência física (38.451), seguido por violência psicológica (23.247), violência moral (5.556), cárcere privado (3.961), violência sexual (3.478), violência patrimonial (1.607) e tráfico de pessoas (351), demonstrando que um grande contingente de mulheres sofre vários tipos de violência anualmente.

Segundo o Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil, que verificou a taxa de atendimentos, por idade simples e sexo, do SINAN - Sistema de Informação de Agravos de Notificação, o atendimento por violência para mulheres é maior que para os homens até os 59 anos, sendo que a partir dos 60 anos as taxas se assemelham. Os dados revelam também que há um maior número de atendimentos para mulheres aos 14 anos e homens aos 17 anos (p. 45-46), demonstrando que mulheres sofrem em média mais violência que homens.

Também segundo o Mapa da Violência 2015 (utilizando dados da OMS - Organização Mundial de Saúde) há altas taxas de homicídio feminino no mundo. Sendo que o Brasil se encontra na quinta posição em relação a oitenta e três países, tendo como taxa 4,8 homicídios por 100 mil mulheres (WAISELFISZ, 2015, p. 27-28).

Segundo as estatísticas criminais presentes no Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014, o número de estupros registrados em 2013 foi de 50.320 permanecendo perto da faixa de estupros registrados em 2012 de 50.224. Dado que apenas 35% das vítimas de estupro relatam o ocorrido calcula-se que o número real de estupros em 2013 foi de aproximadamente 143 mil.

Segundo a Tabela 1 a porcentagem de mulheres vítimas de estupro é muito maior que a de homens sendo 88,5% comparado a 11,5% no total. Conforme a idade das mulheres aumenta, também a porcentagem de vítimas de estupro se torna predominantemente de mulheres ficando em 97,5% em comparação com 2,5% dos homens. Isto denota que mulheres são muito mais vulneráveis

a sofrer este tipo de agressão que caracteriza uma forma de controle do homem sobre a mulher.

Tabela 1 - Características pessoais das vítimas de estupro

| Variáveis | Todos (n=12.087) | Crianças (n=6.132) | Adolescentes (n=2.340) | Adultos (n= 3.615) |
|-----------------------------------|------------------|--------------------|------------------------|--------------------|
| Sexo | | | | |
| Feminino | 88,5% | 81,2% | 93,6% | 97,5% |
| Masculino | 11,5% | 18,8% | 6,4% | 2,5% |
| Faixa Etária | | | | |
| Crianças (até 13 anos) | 50,7% | 1,0% | 0,0% | 0,0% |
| Adolescentes (entre 14 e 17 anos) | 19,4% | 0,0% | 1,0% | 0,0% |
| Adultos (18 anos ou mais) | 29,9% | 0,0% | 0,0% | 1,0% |

Nota técnica: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar).

Como pode ser visto a seguir (Tabela 2) a grande maioria dos agressores é homem em todas as faixas etárias, o que pode indicar que vivemos em uma cultura na qual o comportamento de estuprar é reforçado e mantido para homens.

Tabela 2 - Sexo do provável autor da agressão segundo a faixa etária da vítima

| | Crianças | Adolescentes | Adultos |
|------------------------|----------|--------------|---------|
| Masculino (n=11366) | 92,55% | 96,69% | 96,66% |
| Feminino (n=158) | 1,80% | 0,99% | 0,70% |
| Ambos os sexos (n=115) | 1,28% | 0,86% | 0,47% |
| Ignorado (n=378) | 4,36% | 1,46% | 2,17% |

Fonte: Nota técnica: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar).

Foi realizada pela Data Popular em parceria com a Avon uma pesquisa online de âmbito nacional em 2014, com mulheres e homens de 16 a 24 anos, que investigou questões relativas à violência contra a mulher. A partir desta investigação alguns dados foram levantados como:

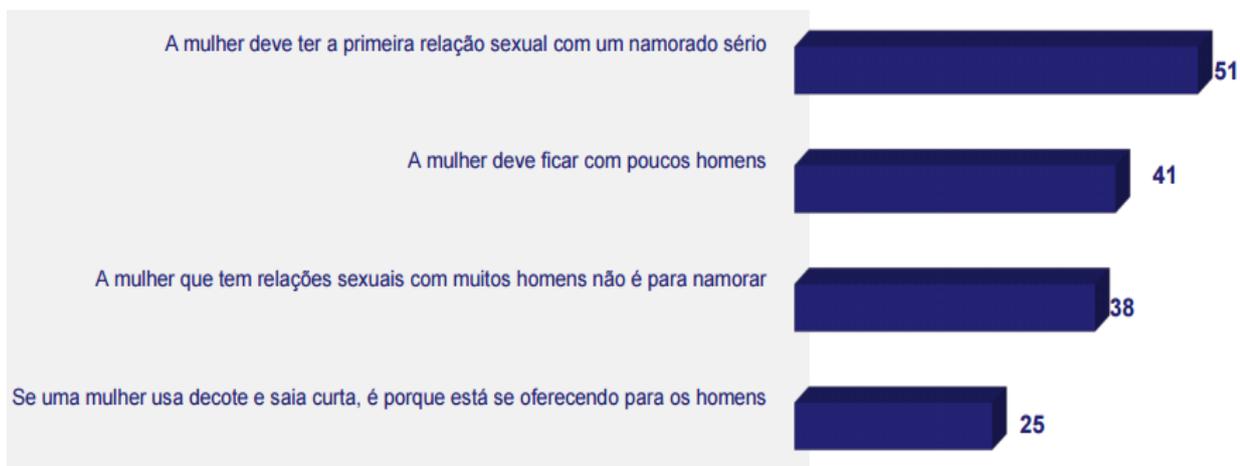


Figura 2 - Concordância com padrões machistas (%)

Fonte: Violência contra a mulher: o jovem está ligado? (Data Popular/Instituto Avon, 2014)

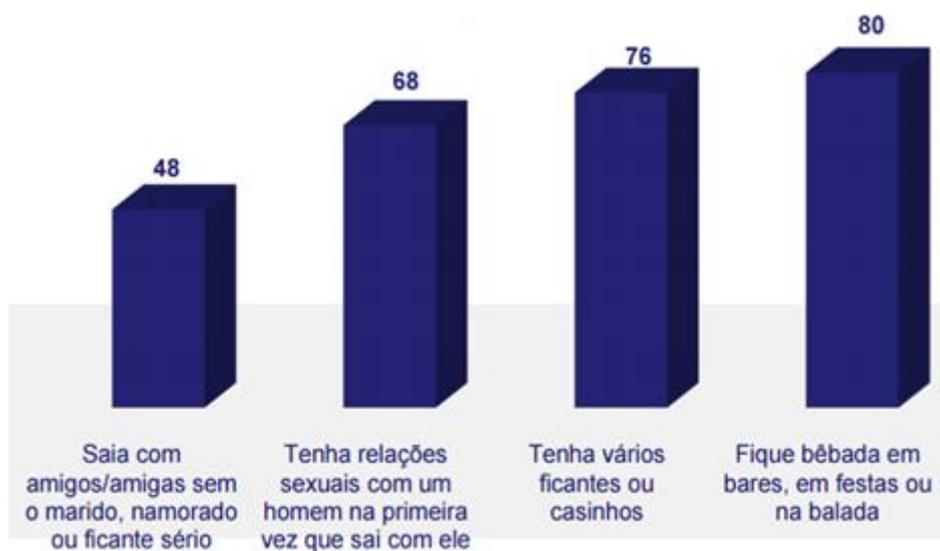


Figura 3 - Comportamentos das mulheres considerados incorretos (%)

Fonte: Violência contra a mulher: o jovem está ligado? (Data Popular/Instituto Avon, 2014)

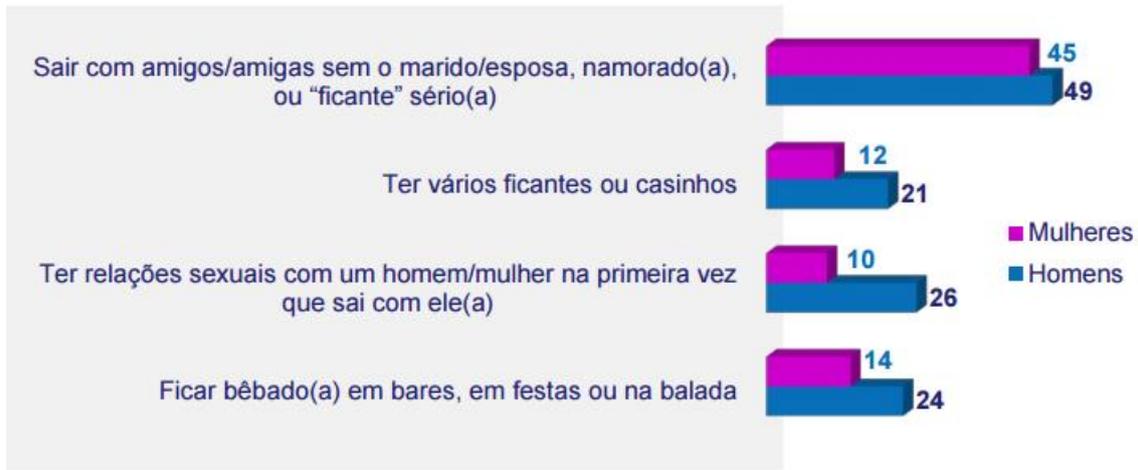


Figura 4 - Comportamentos relatados (%)

Fonte: Violência contra a mulher: o jovem está ligado? (Data Popular/Instituto Avon, 2014)

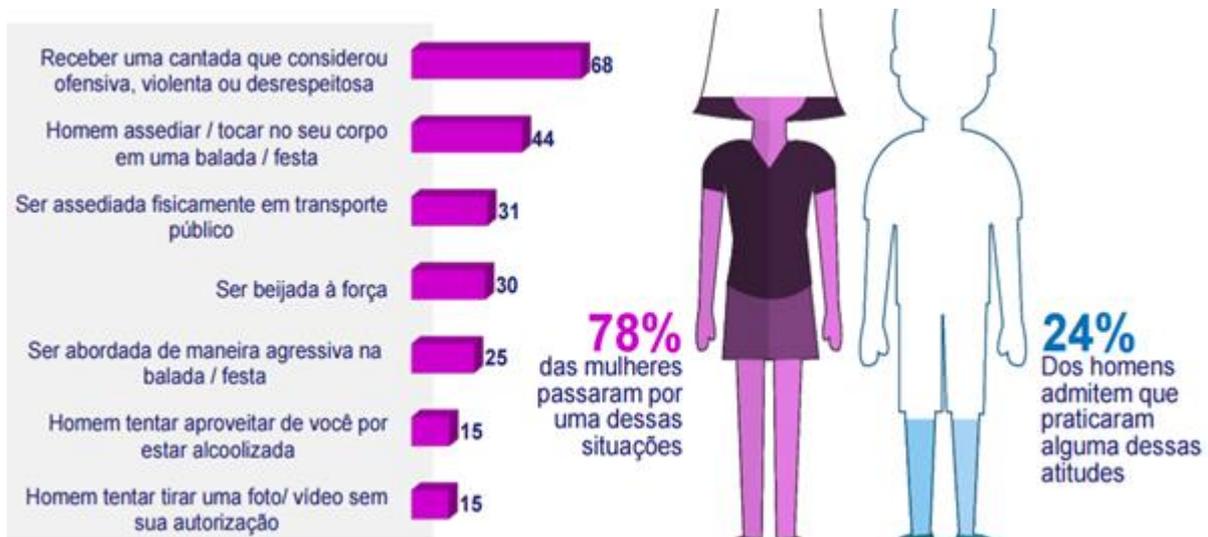


Figura 5 - Ações que já ocorreram com mulheres (%)

Fonte: Violência contra a mulher: o jovem está ligado? (Data Popular/Instituto Avon, 2014)

De acordo com os dados apresentados podemos acreditar que existem valores machistas enraizados na sociedade que acabam por contribuir para, e são efeitos de, um controle social do homem sobre a mulher, o que acaba por tolhê-la, impedindo que se comporte de certas maneiras (consideradas incorretas). Por outro lado, o homem acaba tendo privilégios, comportando-se de maneira a usufruir de benefícios como sentir-se tendo permissão para, por exemplo, assediar mulheres. Dado este cenário mulheres em todo o mundo vêm reivindicando seus direitos e clamando por mudanças, sendo que o movimento feminista é a maior prova disto.

1.1 Feminismo

Garcia (2011) apresenta o tema do feminismo de modo abrangente, abarcando brevemente sua história.

Segundo a autora a maioria das pessoas não sabe ao certo o que é o feminismo, pois ele foi muitas vezes retratado como nocivo e constantemente ocultado. Na realidade existem vários tipos de feminismos, que foram construídos ao longo das épocas, e todos eles têm em comum “lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos” (GARCIA, 2011, p. 12).

Ela expõe que foram gerados ao longo da história do ocidente diversos discursos que legitimam a desigualdade entre homens e mulheres sejam pela mitologia e religião, ou, ainda, pela ciência e pela filosofia.

“O termo *feminismo* foi primeiro empregado nos Estados Unidos por volta de 1911, quando escritores, homens e mulheres, começaram a usá-lo no lugar das expressões utilizadas no século XIX [...]” (GARCIA, 2011, p. 12).

Segundo a autora ações feministas são aquelas que expõem a desigualdade entre os gêneros e reivindicam por direitos, sendo individuais ou coletivas, ou seja, “o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas” (GARCIA, 2011, p. 13). Porém não há apenas um feminismo, mas sim várias correntes, pois é um movimento composto por mulheres do mundo todo, sendo uma teoria política, prática social, uma ética e “uma forma de estar no mundo” (GARCIA, 2011, p. 13), que possibilita a emancipação feminina.

Alguns conceitos importantes emergiram das discussões abordadas pelos movimentos feministas e cabe apresentá-los, já que representam a maneira como tais movimentos vêm lidando com o controle verbal, explicitando formas de denominar comportamentos e relações entre eles que apontam os problemas combatidos, em geral, pelo feminismo:

O *androcentrismo* diz respeito à definição do mundo no masculino, “considerar o homem como a medida de todas as coisas”. (GARCIA, 2011, p. 15). É usar apenas a perspectiva masculina que culmina, por exemplo, no fato de os sintomas do infarto declarados como de todos serem, na verdade, masculinos, já que os das mulheres são outros.

Para o feminismo radical, o *patriarcado* constitui-se em “Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres [...]” (REGUANT, 1996 *apud* GARCIA, 2011, p. 15).

Perceber o patriarcado é olhar onde há controle e domínio sobre as mulheres, e entender que estes não são individuais, mas sim coletivos (*o pessoal é político p.17*), e que suas formas são variadas. A autora ressalta que “a existência do patriarcado não quer dizer que as mulheres não tenham nenhum tipo de poder ou direito.” (GARCIA, 2011, p. 17). E aponta para o que chama de “*vitórias paradoxais*” como a possibilidade da entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho que traz a dupla jornada às mesmas. “O objetivo fundamental do feminismo é acabar com o patriarcado como forma de organização política.” (GARCIA, 2011, p. 18).

“O *sexismo* se define como o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação e exploração o sexo dominado: o feminino.” (GARCIA, 2011, p. 18-19). É uma ideologia, mais que apenas piadas, etc. A “divisão da educação por sexos” é um exemplo citado deste tipo de método.

Já o *gênero* é definido como “conceito construído pelas ciências sociais nas últimas décadas para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina.” (GARCIA, 2011, p. 19). O patriarcado se utiliza de um discurso de gênero para legitimar o controle e hierarquia do homem sobre a mulher e determinar “os direitos, os espaços, as atividades e condutas próprias de cada sexo.” (GARCIA, 2011, p. 19).

Ou seja, masculino e feminino são construções sociais ligadas a normas e condutas e não “fatos biológicos” (sexo - diferenças de corpos). Os estudos de gênero se iniciaram na década de 1970 nas universidades norte-americanas (GARCIA, 2011, p. 21)

A autora discorre sobre o que chama de feminismo pré-moderno, o feminismo moderno (primeira onda), a segunda onda e o feminismo contemporâneo (terceira onda). O feminismo pré-moderno começa a se delinear no século XVI a partir de reflexões levantadas pelo Humanismo e pela Reforma Protestante.

A primeira onda do feminismo surge a partir de resquícios do feminismo pré-moderno e com a Revolução Francesa que difundia os conceitos de igualdade e cidadania. Foram criados clubes de mulheres que buscavam participar da política, obras importantes foram escritas como a *Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs* (Olympe de Gouges, 1791) e a *Reivindicação dos Direitos das Mulheres* (Mary Wollstonecraft, 1793). Porém a igualdade pregada pela Revolução

não se aplicava às questões de gênero e as reivindicações não foram cumpridas. Muitas mulheres foram guilhotinadas ou exiladas e a mulher continuou sendo propriedade do homem (pai, marido, etc.).

A segunda onda apareceu no século XIX junto a outros “movimentos sociais emancipatórios” (GARCIA, 2011, p.51) desencadeados pela Revolução Industrial e pelo capitalismo, e dela participaram tanto mulheres proletárias quanto burguesas.

A autora fala sobre o movimento sufragista, que surgiu nos Estados Unidos, primeiramente impulsionado pela luta contra a escravidão dos negros. Houve uma forte Reforma Protestante nos E.U.A (*quackers*), o que gerou a possibilidade do acesso à educação para as mulheres; desse modo a segunda onda foi fortalecida. As mulheres se organizaram e começaram a reclamar o direito ao voto, porém em um primeiro momento ninguém as apoiou (mesmo os movimentos abolicionistas). Em 1869, após muitas reivindicações, Wyoming foi o primeiro Estado que reconheceu o direito ao voto. Algumas conquistas foram feitas como o “direito ao compartilhamento de bens de Nova York” e o direito a apelar para tribunais de justiça.

Também é apresentado o feminismo socialista surgido dentro dessa onda que entendia que a mulher era dependente economicamente e que isso deveria ser mudado. Ou seja, não levava em consideração a gama de opressão que sofria as mulheres em outros âmbitos no sentido de que tudo se resolveria com a independência econômica feminina.

Essa onda foi encerrada com algumas conquistas alcançadas, porém “acusavam as feministas de destruir os cimentos da nação e da família” (GARCIA, 2011, p. 79).

O voto foi conquistado em 1918 na Inglaterra pelas sufragistas e foi se estendendo para outros países como, por exemplo, os E.U.A.

A terceira onda se iniciou com a obra de Simone de Beauvoir *O segundo sexo* publicado em 1949. Nela a autora evidencia a inferioridade, em relação ao homem, com que a mulher é vista e tratada pela sociedade, e que a explicação disso se encontra na cultura e não na biologia.

A gama de mulheres que havia trabalhado na Segunda Guerra teve que retornar às atividades domésticas habituais após seu término e surgia a sociedade do consumo que “necessitava de muitas mulheres dispostas a comprar. Perfeitas donas de casa que necessitavam de perfeitos eletrodomésticos.” (GARCIA, 2011, p. 83).

Manifestou-se uma grande insatisfação por parte das mulheres que é explicada por Betty

Friedan como “*A mística feminina* - reação patriarcal contra o sufrágio e a incorporação das mulheres na esfera pública durante a Segunda Guerra - que identifica a mulher como mãe e esposa e com isso cerceia toda a possibilidade de realização pessoal e culpabiliza todas aquelas que não são felizes vivendo somente para os demais” (GARCIA, 2011, p. 83). Friedan sendo do movimento de feminismo liberal fundou, nos Estados Unidos, em 1966, a Organização Nacional para as Mulheres (NOW).

Nos anos 60 também surge o feminismo radical, uma das vertentes mais conhecidas, inserido no movimento de contracultura. Seu *slogan* era “*O pessoal é político*”; fazia grandes protestos, desenvolveu grupos de autoconsciência e criou centros alternativos de ajuda e autoajuda. (GARCIA, 2011, p. 88). Acabou sofrendo um enfraquecimento devido a uma “negação da diversidade das mulheres” (GARCIA, 2011, p. 91), por exemplo, por falta de abordarem questões como classe e orientação sexual.

Segundo Garcia (2011), vários outros feminismos foram surgindo em todo o mundo a partir de 1975, apesar de haver um grande momento de conservadorismo nos anos 80 em lugares como os E.U.A. e a Inglaterra.

“O feminismo dos anos 80 se centra no tema da diversidade entre as mulheres.” (GARCIA, 2011, p. 94) e é chamado por algumas autoras de pós-feminista.

A igualdade entre homens e mulheres ainda não foi conquistada. No século XXI a violência de gênero ainda é comum assim como a discriminação sexista ou racista tanto nos âmbitos do trabalho quanto educacional bem como nos pontos relevantes de tomada de decisão política, militar e econômica. (GARCIA, 2011, p. 95).

Segundo a autora a “essência do patrimônio comum de todas as correntes do feminismo” (GARCIA, 2011, p. 95) é a exigência de que “as mulheres tenham liberdade para definir por si mesmas sua identidade ao invés de que esta seja definida pela cultura da qual fazem parte e pelos homens com os quais convivem.” (GARCIA, 2011, p. 95-96) por meio da erradicação da pobreza e da violência. Segundo a autora discorre, são variadas as correntes feministas mais recentes: o feminismo da diferença, o feminismo cultural, o essencialista, e o institucional. Propõe como tarefa “tornar realidade o fato de que os direitos das mulheres são direitos humanos.” (GARCIA, 2011, p. 105) e a necessidade de continuar construindo “uma linhagem feminista de pensamento” (GARCIA, 2011, p. 108).

O presente trabalho pretende analisar o papel exercido pela mulher em *Walden II* (1948/1978) escrito por B. F. Skinner, como é tratada a questão de gênero no livro, e as diferenças

existentes entre as contingências às quais estão submetidos mulheres e homens na narrativa, como subsídio para pensar a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade na atualidade a partir da perspectiva da análise do comportamento.

1.2 O patriarcado como agência de controle

A ‘**análise do comportamento**’ formulada pelo psicólogo estadunidense B. F. Skinner (1904-1990) procura estudar o comportamento humano a partir da interação entre organismo/ambiente. A atenção do pesquisador em relação ao comportamento humano considera que este é produto de uma relação entre sujeito e ambiente e determinado por três níveis de seleção (filogenético, ontogenético e cultural) que não agem hierarquicamente. Desse modo é possível procurar entender as contingências envolvidas na manutenção da desigualdade de gênero.

Segundo Gomes e Costa (2014), *regras* descritivas são usadas para descrever contingências e manter controle sobre os comportamentos que são tidos como aceitáveis, para cada um dos sexos, pela comunidade social. Desde a infância meninos são reforçados por serem agressivos e meninas por serem obedientes e calmas. Para cada gênero existem regras sociais específicas que descrevem os papéis de gênero. Desse modo a sociedade torna-se permissiva e tolerante frente às violências contra a mulher.

Sidman (1989) define que comportamento é controlado quando há um aumento na probabilidade de ocorrência de respostas dado suas consequências reforçadoras. As respostas são mantidas pelas consequências. O controle coercitivo seria uma subcategoria do controle na qual a classe de consequência das respostas caracteriza-se por reforçamento negativo ou punição. A punição é descrita como uma consequência que sucede uma resposta na qual há a retirada de um reforçador positivo ou a produção de um reforçador negativo. Reforçamento negativo caracteriza-se por consequências de ações que removem algo do ambiente do sujeito aumentando a probabilidade da ocorrência das mesmas.

Segundo Guerin (1992) o conhecimento social se dá a partir do controle de comportamento verbal e relaciona-se ao tipo particular “tato” que é mantido pela mediação de outras pessoas e por consequências generalizadas. Um grupo específico pode controlar e ser estímulo discriminativo para “tatos distorcidos” na verdade consequenciando “intraverbais”, ou seja, constrói-se um tipo de comportamento social relacionado a contingências que não são usuais na vida dos sujeitos, significando que estes não entram em contato direto com suas consequências, mas sim com as

mediadas por outros sujeitos. Dessa forma torna-se possível uma “*construção de representações sociais contrafactuais*” (p. 128) por um grupo que pode obter vantagens ao exercer esse controle.

Pode-se dizer, então, que as desigualdades de gênero se caracterizam, segundo a análise do comportamento, por relações coercitivas mantidas pela sociedade que dificultam ou impedem o acesso das mulheres a reforçadores positivos. Desse modo é possível dizer que parte da sociedade que exerce este controle, que podemos chamar de agência controladora, dá aos homens vantagens sobre as mulheres na medida em que esses administram seu modo de vida. Criaram-se meios eficazes de controle, como o conhecimento socialmente construído acerca do papel da mulher, ou seja, o que ela deve e não deve fazer, como ela deve comportar-se para que seja reforçada positivamente pelo ambiente.

1.3 *Walden II*

Skinner escreveu um romance chamado *Walden II* em 1945 e o publicou em 1948. Segundo ele este era um bom período para a civilização ocidental, pois esta acabara de sair da Segunda Guerra Mundial e a Rússia havia se aliado aos E.U.A. Diz que fez o livro por incômodos pessoais e por insatisfações de sua vida como: a luta que sua esposa e amigas enfrentavam acerca de seus papéis como donas de casa; preocupações acerca de questões relativas à educação, dado que sua filha mais velha completara a primeira série; a busca que estava fazendo de uma nova casa, pois iria mudar-se de Minnessota para Indiana; e a separação iminente de grandes amigos.

O livro é uma ficção acerca de uma utopia moderna. Narra a história de um grupo de pessoas (professor Burris, professor Augustine Castle, soldado Rogers e sua noiva Bárbara Macklin e o tenente Steve Jamnik e sua namorada Mary Grove) que vai conhecer uma comunidade que por meio de uma tecnologia científica do comportamento humano busca sanar os problemas da sociedade. Esta foi criada nos Estados Unidos e fundada por um cientista chamado Frazier. Tem o nome de *Walden II*, pois sofreu influência do livro *Walden, ou vida nos bosques*, publicado em 1854 por Thoreau (1817-1862), que narra sua estância na floresta assim como faz uma crítica ao modo de vida da sociedade capitalista da época.

O grupo visitante experiencia nesse local um modo de vida completamente diferente do que estava habituado. Há uma preconização da solidariedade e companheirismo entre os membros, espera-se que eles exerçam as funções de modo a contribuir com a comunidade sendo que estas devem agradar-lhes e estar de acordo com suas capacidades, e que desse modo as pessoas tenham uma vida mais satisfatória. Todos estes valores são transmitidos a todos que lá moram, e existe uma

grande ênfase na importância dada ao ensino e à educação das crianças, pois elas é que têm a possibilidade de manter essa coletividade e seus princípios fundantes.

Segundo *Revisitando Walden II*, escrito por Skinner em 1976, e o Prefácio da Edição Americana de 1969 do livro, depreende-se que por anos ninguém se interessou pelo romance até que por volta da década de 60 ele começou a ser muito requisitado e lido. Skinner crê que esse interesse crescente se deu, pois inúmeros dos fundamentos que estavam em voga na época eram adotados em seu livro como a existência de possibilidades de mudança de modos de vida, a ideia de que deve partir da pessoa a vontade de mudar sua vida, que as ações políticas não são eficazes para efetuar estas mudanças, que é praticável e deve-se ser feliz com poucos recursos materiais.

O interesse pelo livro também pode ter se acendido devido à difusão, na época, de concepções mais voltadas para o coletivo, como a busca por uma sociedade na qual as pessoas se amam e se respeitam, que não use força bruta, e na qual as pessoas sentem-se felizes com seu trabalho, transmitindo esses valores às novas gerações. Também acreditou que um maior desenvolvimento das tecnologias do controle comportamental que estavam possibilitando um alcance da modificação de comportamento contribuiu para a procura pelo livro. Acerca da possibilidade de modificar comportamentos diz que:

O comportamento poderia ser modificado, modificando-se suas consequências – isso era condicionamento operante - mas poderia ser modificado porque outros tipos de consequências então se seguiriam. (SKINNER, 1948/1978, p. X)

Segundo Skinner alguns dos pontos centrais na criação de uma sociedade sustentável, na qual as pessoas são felizes, é que ela seja dividida em pequenas comunidades; que homens e mulheres jovens e velhos trabalhem; que o consumo de materiais seja diminuído e adotem-se práticas de reciclagem e que a comunidade como um todo seja responsável pela educação e formação das crianças. Esta comunidade deve utilizar-se do conhecimento relativo aos processos do comportamento humano, dessa forma promovendo respeito e amor, possuindo configuração mais efetiva na transmissão de cultura a novas gerações.

Ao fazer uma análise do romance escrito por Skinner que discorre acerca de uma sociedade utópica, no sentido de que promove uma vida na qual as pessoas são reforçadas positivamente e evita-se a aversividade de modo a gerar uma vida mais satisfatória, focando o olhar no papel exercido pela mulher, é possível olhar para a desigualdade de gênero instalada atualmente e indagar sobre possíveis mudanças nessas condições.

Dado que Skinner esteve inserido em um contexto histórico e vivenciou uma história particular de vida parece relevante realizar uma análise que considere estes fatores para melhor compreender sua visão acerca das questões relativas à mulher e assim inquirir sobre o papel que é exercido pela mulher em *Walden II*.

1.4 Contexto da produção de *Walden II*: o período 1928-1947 na autobiografia de Skinner

A segunda parte da autobiografia de Skinner intitulada *The Shaping of a Behaviorist. Part two of an autobiography*, publicada em 1979, refere-se aos anos de 1928 a 1947 de sua vida, período que engloba seu casamento, o nascimento de suas duas filhas e em que escreveu *Walden II*.

Nele Skinner relata que conheceu Yvonne Blue, sua futura esposa, em julho de 1936 num jantar em que foi convidado por amigos. Ela havia estudado inglês na universidade de Chicago, ou seja, ambos possuíam assuntos em comum o que contribuiu para que desenvolvessem um relacionamento.

Durante o período que precedeu a decisão de se casarem, que durou aproximadamente seis semanas, os encontros do casal envolveram dormir juntos, nadarem nus à noite, num período em que não só essas práticas não eram sancionadas legalmente como moralmente, o que se evidencia pela falta de calma revelada por Skinner quando dormiram em uma cabana (alegando serem casados), temendo as “leis contra fornicação”, e pela satisfação dos pais de Skinner ao receberem a notícia sobre o casamento com Yvonne, “(...) filha de uma família americana rica e conservadora” (SKINNER, 1979, p.194).

Aparentemente predominavam a ideia de que as mulheres deveriam ser virgens ao casarem, e de que o casamento é algo importante e deve ser almejado, o que também se evidencia pela maneira como Skinner relata imaginar que seus pais receberam a notícia sobre o casamento: devem ter “respirado aliviados” (SKINNER, 1979, p.190). Afinal, Skinner contava já com 32 anos! A despeito dos valores vigentes, no entanto, Skinner e sua futura esposa parecem não estar especialmente atrelados a eles. Yvonne, apesar do relacionamento íntimo entre eles antes de se casarem chegou a solicitar que adiassem o casamento, segundo Skinner porque aparentemente começou a mudar de ideia sobre casar-se com um professor universitário.

Após se casarem repentinamente, ainda em 1936, Skinner manteve sua rotina como professor, porém sua esposa, que nunca fora criada de modo a ser dona de casa, apresentou certa dificuldade no início para se adaptar a este estilo da vida, mas foi ao longo do tempo se adequando.

Eles tiveram a primeira filha (Julie) em 1938 e Skinner acompanhou a gravidez da esposa de perto. Ambos experienciaram algumas dúvidas e ficaram apreensivos em relação aos cuidados que deveriam ter com a filha recém-nascida.

Skinner e sua esposa decidiram ter outro bebê (Deborah) em 1943, mesmo Yvonne tendo certo receio, pois Skinner lhe propôs que iria buscar simplificar o cuidado materno que era dispendido. Ele construiu um berço grande que possibilitava menos esforço da mãe. Chamou-o de “baby-tender”. Almejou, posteriormente, comercializá-lo acreditando ser muito benéfico tanto para os bebês quanto para as mães, ou seja, ele mostra-se preocupado com esta questão, apesar do valor corrente da época ser de que a mãe cuida por amor, por isso não se aborrece. Ele acreditava que desse modo as mulheres poderiam trabalhar fora mais facilmente.

A questão relacionada com a mulher no trabalho é abordada posteriormente em seu livro, ao referir-se a *Walden II*, no seguinte trecho: “Haveria um capítulo sobre trabalho (...) se todos trabalhassem (mulheres assim como homens, os jovens e velhos de acordo com suas habilidades), apenas quatro horas por dia seriam necessárias.” (SKINNER, 1979, p. 296).

A ideia do “baby-tender” também foi usada em *Walden II*. As crianças viviam seus primeiros anos de vida em câmaras cuja temperatura era controlada, assim como no aparelho usado por sua filha mais nova. Também aparece no livro a proposta de que as mulheres trabalhassem como os homens não tendo o único papel de mães.

Skinner passou por dificuldades financeiras por muito tempo necessitando da ajuda de seu pai para poder prover uma vida mais adequada para a esposa e as filhas, fato que é repetido muitas vezes ao longo de sua autobiografia.

Skinner aborda em vários momentos o tema da Segunda Guerra Mundial que ocorre durante parte do livro. É possível perceber a preocupação de Skinner em várias passagens e nelas aparecem, algumas vezes, ideias acerca de resolução de problemas, que seria pautada por um conhecimento sobre o comportamento humano, o que provavelmente influenciou-o a escrever *Walden II*. Também em relação a fatores que instigaram Skinner a escrever o romance, aparecem as questões sobre educação que foram suscitadas por sua vivência com suas filhas.

O ponto crucial que fez Skinner escrever *Walden II*, segundo o que ele declara, foi uma conversa que teve com Hilda Butler, uma mulher que lhe foi apresentada por amigos em comum, acerca do que os soldados jovens iriam fazer após retornar da guerra. Segundo ele esses jovens “deveriam experimentar, explorar novos jeitos de viver como pessoas fizeram nas comunidades do

século dezenove.” (SKINNER, 1979, p. 292).

Ele discute que já possuía uma história pessoal em relação a comunidades, apesar de nunca ter realmente ido a uma, acreditando na ideia de que uma comunidade poderia prover uma cultura mais eficaz para o ser humano, de modo a satisfazer a maioria de suas necessidades. Hilda lhe encoraja a escrever sobre isso e no dia dois de junho de 1945 começa a redigir sobre uma comunidade experimental que seria depois, renovando *Walden* de Thoreau, intitulada de *Walden II* em sua homenagem. O livro foi rapidamente escrito em sete semanas, pois o tema lhe era familiar e muitas das ideias apresentadas no livro foram discutidas pelo próprio Skinner com um grupo de filósofos e literatos.

No início da terceira parte de sua autobiografia intitulada *A Matter of Consequences*, publicada no ano de 1983, Skinner diz que publicou *Walden II* alguns meses antes de ir para Cambridge e que o livro passou a vender bastante. A principal crítica ao livro foi que as mudanças sociais deveriam partir “de dentro” e não serem forçadas por fatores externos. A partir dele algumas pessoas estavam se interessando e querendo participar de comunidades assim. Também relata que suas filhas Julie e Debbie foram matriculadas na *Shady Hill School*, que traziam amigos em casa e que Julie foi membro de um clube de *Skating*.

O livro *B.F. Skinner – A life* de Daniel W. Bjork, publicado em 1997, foi utilizado como fonte de informações sobre a vida de Skinner. Várias passagens se assemelham ao escrito por Skinner em sua autobiografia, porém outras possibilitam outros olhares. É apresentada sua relação com outras mulheres, antes de seu casamento com Yvonne. Skinner foi apaixonado por Ruth Cook ou Nedda. Ela terminou com ele dizendo que estava noiva de outro homem que estava doente. Depois reapareceu dizendo que estava grávida e pedindo que pagasse seu aborto. Skinner propôs a ela que eles se casassem e depois se divorciassem para que ele pudesse ficar com a criança. Ruth recusou e Skinner pagou para ela o aborto.

Assim como na autobiografia de Skinner é narrado que Yvonne nunca foi educada para ser dona de casa e sonhava em se tornar uma escritora. Que sua adaptação a Minneapolis foi difícil e ela não estava feliz, não tendo uma carreira e sofrendo as dificuldades de ser mãe. Menciona-se que a rotina de Skinner e de Yvonne divergia e como ele acordava cedo acabava cuidando das filhas nesse momento. Yvonne estaria despreparada para a vinda de Julie e Skinner sentiu que sua esposa “deixou tudo para ele” (p. 128). Ele próprio realizou muitas tarefas consideradas maternas como colocar as meninas na cama contando-lhes histórias para dormir e as arrumando para ir para a escola.

Bjork (1997) afirma que Skinner achava que sua esposa o invejava por ter uma carreira e sucesso próprios, mas que talvez ela apenas estivesse indiferente em relação ao trabalho do marido, já que ele demandava muito que fosse reconhecido. É exposto que Skinner escreveu *Walden II* não como uma ficção inalcançável, mas como um projeto possível para o presente e qualquer época dado suas qualidades mutáveis. “A novela foi em parte escrita para Eve [Yvonne], como uma solução imaginária para sua infelicidade em Minneapolis” (BJORK, 1997, p. 150). Porém “Skinner também disse que *Walden II* foi sua tentativa de resolver não apenas os problemas de Eve, mas seus próprios problemas com Eve. Eve, no entanto, indicou que o livro gerou mais desarmonia no casamento do que amenizou” (BJORK, 1997, P. 151).

Em relação à temática feminista. “Ele (Skinner) estava orgulhoso de que a novela tinha um tema feminista, mesmo que algumas mulheres tivessem odiado o livro.” (BJORK, 1997, p. 150). Para Skinner as mulheres não gostaram do livro, pois sentiram que nesse mundo elas perderiam suas funções principais e assim não seriam amadas.

Bjork narra que nos anos 60 a venda do livro aumentou muito, talvez devido à maior representatividade que agora Skinner possuía. Havia um interesse real de muitas pessoas de criar comunidades baseadas em *Walden II*, e nos anos 70 pequenas comunidades começaram a surgir baseadas no livro – as que sobreviveram até hoje: “Twin Oaks” e “Los Horcones”.

No capítulo acerca de *Walden II* no livro *Benign anarchist* de Daniel Wiener, publicado em 1996, o autor apresenta que Skinner já testava ideias de utopias com seus colegas antes da Segunda Guerra Mundial. Que a ideia de controlar o comportamento humano para gerar uma vida boa na época da mudança de Minnesota para Indiana aparecia muito em suas anotações e conversas e que ele era gentil e dava suporte para comunidades utópicas assim como para suas filhas.

“Ele não tinha nenhuma intenção de fundar ou participar de nenhuma ação concreta acerca da criação de comunidades utópicas. Nem ele nem Eve quiseram ou moraram, nem mesmo brevemente, em uma comunidade que fora fundada a partir de seu modelo.” (WIENER, 1996 p. 104).

1.5 O momento histórico que marca a produção de *Walden II*

Segundo Andery (s.d.) “as condições históricas, sociais e políticas de uma sociedade na qual se produz conhecimento são fatores importantes na sua determinação” (p.2). Partindo deste pressuposto torna-se necessária uma contextualização do momento histórico em que se deu a

produção de *Walden II*.

Em 1927 Skinner desiste de trabalhar com literatura, pois não estava conseguindo reconhecimento, e escolhe fazer doutorado em psicologia na universidade de Harvard. Um dos motivos que o levou a esta área, segundo Andery, foi que a psicologia poderia ser, seguindo a visão da época, uma poderosa ferramenta para transformações sociais, ou seja, Skinner já demonstrava possuir uma preocupação em relação a esta dimensão.

O referido autor também será influenciado pelo estudo da fisiologia, realizando vários estudos sob influência da metodologia deste campo de investigação. Isto revela a compreensão do comportamento como um processo natural que é passível de manipulação.

Skinner começa sua produção em análise do comportamento em 1930, que foi um período marcado por um conturbado contexto político e econômico. Um dos fatos importantes deste contexto foi a “Grande Depressão” de 1930-1932 que ocorreu devido a uma superprodução, característica do modo de produção capitalista, que sucedeu a quebra da bolsa de Nova York, em 1929.

Essa crise econômica gerou altos índices de desemprego, fome, miséria e aumentou a já extensa desigualdade social. A renda nacional caiu pela metade. Herbert Hoover era o presidente quando essa crise ocorreu e suas medidas pioraram a situação do país. Então, em oito de novembro de 1932, Franklin D. Roosevelt foi eleito novo presidente dos E.U.A.

A partir desta época a posição em relação à participação do governo nos assuntos econômicos começa a mudar. Agora era solicitado que houvesse intervenção de modo a ajudar a economia do país, ao invés da antiga lógica de querer um afastamento nesse assunto. A partir de sua posse Roosevelt realizou várias medidas econômicas, implementando novos programas para melhorar a economia, o que foi intitulado “*New Deal*”. Ele baseava-se nos três “Rs” (Relief, Recovery e Reform), que traduzidos são: auxílio, recuperação e reforma. Leis importantes foram instituídas como a Lei de seguro social e a Lei de emergência bancária, porém segundo Huberman (1983) essas medidas eram ideias revolucionárias que não se reverteram para uma mudança no campo econômico.

Roosevelt foi ganhando confiança da população, que aparentemente passa a confiar também no planejamento e na aplicação do conhecimento científico para a solução de problemas (Roosevelt diz ter se cercado de uma assessoria que consistia num “truste de cérebros”). Isso se evidencia no fato de que Roosevelt é reeleito três vezes (1936-1940, 1940-1944 e 1944-1948, mas falece em

1945).

Dado o grande declínio de mercado estrangeiro e a elevada produção agrícola os preços dos produtos chegavam ao mercado abaixo do custo. O “New Deal” buscou aumentar o preço da produção agrícola diminuindo sua produção. (Lei de ajustamento agrícola). Dentre vários procedimentos, para a realização dessa medida colheitas inteiras foram destruídas e gado foi morto, pois pela lógica do capitalismo isto faria com que o preço de mercado subisse. Essa atitude chocou muitas pessoas.

Várias leis e programas foram criados de modo a melhorar a condição social e econômica do país como, por exemplo, voltados à moradia, à eletricidade, relativos a sanar a erosão do solo, de segurança a investimentos, leis trabalhistas, entre outros. Algumas medidas foram tomadas para que os trabalhadores obtivessem poder de consumir novamente de maneira a fazer o capital/economia circular. A indústria foi fomentada pela construção de inúmeras obras públicas.

Porém em 1936/1937 um corte de gastos do governo fez com que uma nova depressão econômica ocorresse, corte esse que ocorreu devido a uma dívida nacional que foi se construindo a partir de empréstimos, o que acarretou numa inflação mais alta. As camadas mais altas na hierarquia econômica passaram a odiar Roosevelt esquecendo que a partir disto ele havia conseguido construir e dar mais recursos para o país ajudando as camadas mais pobres. O “New Deal” foi usado como situação emergencial não revolucionando a economia de maneira abrangente, segundo Huberman (1983).

Segundo Andery, um dos importantes fatores que fez Skinner permanecer na universidade foi o fato de que havia conseguido uma bolsa de estudos e que os Estados Unidos, como descrito acima, estavam em uma crise econômica, o que dificultava a entrada no mercado de trabalho, dado os altos índices de desemprego, sendo a permanência na academia uma solução mais estável, por causa das condições dessa fase.

Segundo Huberman (1983), o povo americano não tencionava entrar na nova guerra que estava sendo gestada. Havia um “ceticismo (...) em relação aos negócios estrangeiros” (HUBERMAN, 1983, p. 298). Como a economia do país já estava muito comprometida, quaisquer ideias de se entrar na guerra estavam fora de alcance para a população, que estava mais preocupada com assuntos internos.

Porém dada a forte ligação com o comércio que existia era impossível que os E.U.A conseguissem se isolar da guerra que iria ocorrer. Por isso outra boa opção seria que o país tomasse

a liderança da guerra junto à Inglaterra e à França buscando dar forças para minimizar suas consequências.

Nenhuma dessas opções foi seguida. A população estava dividida em relação a qual posição tomar. Os E.U.A continuaram a exportar armas para a Alemanha e Itália ajudando-as a ganhar contra a Espanha, o que era o que desejava a Inglaterra.

A população era a favor de um boicote ao Japão parando de exportar armas, pois ele estava atacando a China que era país amigo. Porém os comerciantes eram contra o boicote e o barraram. Além do que o Japão poderia ser um contraponto do poder russo crescente na região.

A política estrangeira com países da América Latina visava manter os interesses econômicos do país, dando crédito a presidentes ditadores de forma a minar a democracia desses países e manter o *status-quo*. Porém, segundo Huberman (1983), as políticas implementadas por Roosevelt eram melhores do que as dos presidentes anteriores a ele. E o programa de acordos comerciais foi usado como “desculpa” para que não fossem feitas mais políticas estrangeiras, dizendo-se que já havia esse grande acordo com inúmeros países.

Esse programa poderia ter barrado a expansão do Fascismo, segundo o autor, mas não foram tomadas medidas para tal. O país tentou se abster de entrar na guerra até o último momento, quando a França foi invadida, em maio de 1940, e sua entrada tornou-se questão de segurança.

A Lei de Serviço Seletivo foi aprovada em setembro de 1940 e a Lei de empréstimos e Cessões em março de 1941, o que custou ao final da guerra 46 bilhões de dólares para os Estados Unidos.

Em julho de 1941 pararam a exportação de material bélico ao Japão assim como impediram que eles comprassem de países da América Latina após terem invadido a Indochina. O Japão atacou a frota de aviões dos Estados Unidos em dezembro de 1941. E assim foi declarada guerra contra o Império Japonês. Quatro dias depois a Alemanha e a Itália declararam guerra aos Estados Unidos.

A partir daí a produção bélica americana foi exorbitante. Skinner participou do Projeto Pelicano que teve como objetivo ajudar as forças armadas americanas nesta época.

A Alemanha rendeu-se em maio de 1945. E a bomba de Hiroshima foi jogada em agosto do mesmo ano dando vitória aos Estados Unidos contra o Japão, que foi auxiliada pela invasão da Rússia ao território Japonês.

Apesar da vitória o país estava triste, pois em abril de 1945 o presidente Roosevelt faleceu, em sua residência. Havia sido reeleito em 1944 pela terceira vez. Huberman (1983) reitera que o “New Deal” não foi uma revolução econômica, não conseguiu solucionar todos os problemas gerados pela crise de 1929 e que a classe média apenas temporariamente aceitou-o.

O autor conta que a Segunda Guerra foi em parte fomentada pelos comerciantes de armas americanos. Que logo que os grandes capitalistas se recuperaram da Crise de 29 voltaram-se contra o “New Deal”. Que era iminente uma guerra contra a União Soviética. E que o controle do país pelos grandes comerciantes de armas foi intensificado durante a Segunda Guerra Mundial.

A crise econômica aliada ao cenário de uma guerra suscita a construção de uma ciência do homem mais voltada para a neutralidade e a concretude, segundo Andery (s.d.), dado que se pressupõe que a partir da mesma surgirá uma tecnologia capaz de solucionar problemas da sociedade, pois não estará a serviço de nenhum interesse específico. Esta concepção também influenciará Skinner na construção de sua ciência.

A partir de 1938 Skinner passa a se consolidar como professor e cientista. Seu trabalho irá refletir as questões levantadas pela crise econômica e a guerra, porém mostrará otimismo em relação ao futuro o que representa o que se pode chamar de “espírito americano” que tem como sua nação um modelo cultural.

Esse panorama histórico ajuda a compreender vários dos motivos que levaram Skinner a redigir *Walden II*, dado que a sociedade em que vivia estava passando por conjunturas que demandavam a construção de uma sociedade mais justa e que fosse baseada em uma ciência objetiva que pudesse alcançar esse fim.

Em relação ao movimento feminista nesta época, temos que em 26 de agosto de 1920 as mulheres ganharam direito ao voto nos Estados Unidos com a promulgação da 19ª emenda da constituição do país. A partir da década de 1930 a primeira onda do feminismo perde força retornando apenas em 1960. (PINTO, 2010, p. 16). Com a segunda guerra mundial as mulheres passam a trabalhar em grande número nas fábricas e órgãos militares. (MELLO, 2016).

O contexto histórico e de produção de *Walden II*, assim como as reivindicações das mulheres de seu tempo nos E.U.A. e no mundo nas décadas de 30 e de 40, que fazem parte do desenvolvimento dos movimentos feministas, deverão servir de pano de fundo e elementos importantes dos quais não se deve desvencilhar ao olhar para a maneira como, na sociedade imaginada por Skinner, a mulher é situada. Retomando o objetivo do presente trabalho, é com este

olhar que se pretendeu analisar o papel exercido pela mulher em *Walden II* (1948/1978), como é tratada a questão de gênero no livro, as diferenças existentes entre as contingências às quais estão submetidos mulheres e homens na narrativa, como subsídio para pensar a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade atual a partir da perspectiva da análise do comportamento.

A contextualização histórica da época em que o livro foi escrito e da vida de Skinner foi utilizada na análise de modo a buscar uma maior compreensão acerca dos valores e vivências de Skinner assim como dos fatores que influíram nas ideias apresentadas em seu livro *Walden II*. Além disso, conceitos relativos ao movimento feminista pautaram a elaboração de categorias segundo as quais o papel da mulher em *Walden II* foi analisado.

Foi construída uma “linha do tempo” que pode ser vista no Apêndice B – Linha do tempo, com as contextualizações da vida de Skinner e do período histórico em que o livro *Walden II* foi escrito dando destaque aos movimentos feministas.

1.6 Skinner, *Walden II* e a questão feminina

Em trabalho realizado acerca do tema, Wolpert (2005) discorre acerca de *Walden II* tendo como referencial uma análise multicultural e feminista. Segundo ela há uma falta de trabalhos nesta área sendo que a análise do comportamento, a partir de sua compreensão dos seres humanos, deve preocupar-se com estas questões.

Alicerça-se no entendimento de que uma análise das contingências de reforçamento social é escassa se não levar em consideração as problemáticas a respeito de classe, raça e gênero. É dito que, apesar de ser um revolucionário, Skinner mantém uma perspectiva eurocêntrica e androcêntrica que é refletida no livro *Walden II*, dado que não levou em consideração variáveis controladoras importantes que são relacionadas à desigualdade de gênero e de raça, ignorando o fato de que pessoas brancas e homens possuem privilégios. Afirma a autora que a ciência deve, então, atentar para as práticas que mantém as desigualdades sociais, necessitando que a análise do comportamento questione se contribui para com isso achando formas de mudar esses costumes.

Silva e Laurenti (2016) em artigo intitulado “*B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências*” defendem a ideia de que o modelo de seleção por consequências elaborado por Skinner condiz com a distinção de sexo e gênero postulada por Simone de Beauvoir, precursora do feminismo como se conhece hoje.

Simone de Beauvoir acreditava que a desigualdade entre os sexos em todos os âmbitos da vida, justificada por fatores biológicos, na realidade é efeito de uma construção social, de uma educação, de uma cultura, sendo possível, então, “vislumbrar formas mais igualitárias de relações entre homens e mulheres.” (SILVA e LAURENTI, 2016, p. 208).

Esse raciocínio coincide com o de Skinner dado que para ele não existem essências imutáveis, por exemplo, de feminino e masculino, e que os comportamentos de cada pessoa são produtos de três níveis de seleção (filogenético, ontogenético e cultural). Dessa maneira entende-se que é viável “ser mulher” de vários modos e também que a desigualdade causada por fatores ambientais na construção dos gêneros pode ser sanada.

Ainda em relação ao modelo de seleção por consequências, Laurenti (2009) diz que ele (o modelo) retira o caráter metafísico e de autonomia total do homem, que é tido pelo senso comum como fato, ao buscar explicar o comportamento humano pela relação homem-ambiente.

Discorre que para Skinner o homem nunca se encontra destacado do controle exercido pelo ambiente, mesmo que este seja um “controle probabilístico” por isso o conceito de “liberdade” é explicado por essa abordagem de modo diferente. “Liberdade” é entendida como um tipo especial de controle no qual as variáveis controladoras são de reforçamento positivo que em longo prazo não trazem consequências ruins ao indivíduo. Também é possível que as pessoas digam que “têm liberdade” quando estão sendo controladas por reforçamento positivo, porém isto não significa que consequências prejudiciais em um futuro longínquo poderão vir a ocorrer.

Ao se discutir a questão da liberdade em relação ao tipo de controle que está ocorrendo e suas consequências imediatas e distantes torna-se possível expor tipos de controle “sutis”, (no sentido de que o sujeito não percebe os efeitos negativos que estão por vir).

Como, então, o comportamento é sempre controlado, o conceito de “liberdade” perde o sentido que comumente possui, de modo que se torna necessário “buscar formas de relações controladoras mais dignas” (LAURENTI, 2009, p.266) por meio de reforçamento justo e igualitário a todos ao invés de atribuir esta característica ao sujeito.

Empregando citações de Skinner em “*Para além da liberdade e dignidade*” de 1971:

O problema consiste em libertar o homem, não de todo o controle, mas sim de certas espécies de controle, e apenas poderá ser resolvido se a nossa análise tomar em consideração todas as consequências. O que as pessoas sentem em relação ao controle, antes ou depois de

a literatura da liberdade haver atuado sobre os seus sentimentos, não conduz a distinções proveitosas. Se não se tivesse chegado à generalização injustificada de que todo o controle é condenável, lidaríamos com o ambiente social com a mesma simplicidade com que atuamos sobre o não-social. Se bem que a tecnologia tenha libertado o homem de certas características aversivas do ambiente, não o libertou do ambiente. Como aceitamos o fato de que dependemos do mundo que nos rodeia, limitamo-nos a alterar a natureza dessa dependência. Do mesmo modo, para libertarmos tanto quanto possível o ambiente social de estímulos aversivos, não precisamos destruir esse ambiente nem fugir dele, mas sim planejá-lo de novo. A luta do homem pela liberdade não decorre de um desejo de ser livre, mas de determinados processos comportamentais característicos do organismo humano, cujo principal efeito é a evitação ou a fuga às particularidades "aversivas" do ambiente. (SKINNER, 1971, p. 39)

Entre outros movimentos sociais, o Feminismo é um movimento que reconhece a existência da desigualdade entre gêneros e expõe as relações de controle aversivas e punitivas a que estão submetidas às mulheres.

Ruiz (1995) em artigo intitulado "*B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions*" expõe que o feminismo faz críticas às abordagens da psicologia tradicional, incluindo o behaviorismo. Destaca, no entanto, que as correntes do movimento feminista se referem, na maioria das vezes, aos pressupostos que fazem parte das demais vertentes do behaviorismo que não o radical como, por exemplo, o behaviorismo metodológico. Por isso torna-se importante "reconhecer que o behaviorismo não é um modelo psicológico monolítico" (RUIZ, 1995, p. 29)¹ de modo a promover um diálogo entre o behaviorismo radical e o feminismo, que a autora acredita ser necessário e proveitoso (RUIZ, 1995, p. 35).

Tencionando realizar o acima mencionado a autora começa a apresentar pontos próprios do behaviorismo radical que não condizem com algumas das críticas feitas ao behaviorismo em geral.

Para o behaviorismo skinneriano o "significado do comportamento no contexto presente deriva de contextos passados e história pessoal" (RUIZ, 1995, p. 32)², portanto possui um viés contextualista e que entende que as partes do organismo sempre estão em relação não podendo ser analisadas de modo independente (RUIZ, 1995, p. 32), considerando os eventos privados (sentimentos, consciência, etc.) como importantes (RUIZ, 1995, p. 34). Para esta linha de

¹ Em inglês: "recognize that behaviorism is not a monolithic psychological model" (p. 29)

² Em inglês: "meaning of behavior in the present context derives from past contexts and personal history" (p. 32)

pensamento o cientista faz parte do mundo que estuda e não é capaz de se desvencilhar do mesmo (RUIZ, 1995, p. 32). Seu objetivo é diferente dos outros behaviorismos, sendo tido como a busca “para entender e descrever funcionamentos dinâmicos e o significado emergente do comportamento dentro de um determinado lugar e tempo.” (RUIZ, 1995, p. 33)³

O feminismo acadêmico desaprova a visão individualista que acredita possuírem as abordagens psicológicas ao mesmo tempo em que destaca a preocupação de que, se o contextualismo é adotado como pressuposto, surge a questão de como é possível que as mulheres “desempoderadas” (p.36) individualmente realizem mudanças “contra práticas culturais dominantes” (RUIZ, 1995, p. 36)?

A esta questão o behaviorismo skinneriano responde: o “organismo é afetado enquanto simultaneamente age sobre circunstâncias externas” (RUIZ, 1995, p, 36)⁴ Ou seja, os seres humanos possuem a capacidade de modificar o ambiente apesar de serem modificados por ele. Então como as mulheres oprimidas conseguem efetivar essa reforma? (RUIZ, 1995, p. 36).

Primeiramente é necessário que as agentes sejam capazes de descrever o sistema de relações e contextos atuais e históricos nos quais os atos necessários estão inseridos (“Sabendo que”) (RUIZ, 1995, p. 37) além de saber como realizá-los. Essa capacidade de “saber que” relaciona-se com o processo de autoconhecimento descrito por Skinner “cujo desenvolvimento é mediado por outros dentro da comunidade verbal do indivíduo.” (RUIZ, 1995, p. 37)⁵ Torna-se imprescindível, portanto, que a comunidade verbal comece a prezar as experiências pessoais das mulheres como forma de torná-las conscientes de si-mesmas “e assim começar a descobrir a multiplicidade de significados embutidos na vida das mulheres” (RUIZ, 1995, p. 39)⁶

As feministas acadêmicas também desaprovam a visão de ciência e realidade adotada pelos modelos da psicologia tradicional que mascaram o fato de que o conhecimento construído até agora possui padrões psicológicos masculinos que veem o que não condiz com estes padrões como inferior e também contribuem para silenciar e excluir cientistas mulheres (RUIZ, 1995, p. 38). A

³ Em inglês: to understand and describe dynamic workings and the emergent meaning of behavior within a particular place and time. (p. 33)

⁴ Em inglês: “organism is acted upon while simultaneously acting upon external circumstances.” (p. 36)

⁵ Em inglês: “ the development of which is mediated by others within the individual's verbal community” (p. 37)

⁶ Em inglês: “and thus begin to uncover the multiplicity of meanings embedded in women's lives.” (p. 39)

compreensão de ciência para o behaviorismo radical pode dar suporte a esta afirmativa: “Comentando sobre a ciência em geral, Keller (1985) expôs o invisível ainda que penetrante impacto da ideologia de gênero em nossa base de conhecimento científico e sua perspectiva masculina.” (RUIZ, 1995, p. 38)⁷

Para concluir o artigo a autora expressa que o behaviorismo radical não se ateve a pesquisar questões de gênero, porém que “têm um interesse na variabilidade comportamental e em descrever as condições contextuais que influenciam a variação do comportamento em nível individual.” (RUIZ, 1995, p.39)⁸ O behaviorismo radical é, por isso, uma ferramenta que pode ser usada na análise de gênero assim como na de raça e classe.

Buscando dialogar com esses temas, torna-se necessário uma reflexão por parte das e dos cientistas na realização da prática científica de modo a contextualizá-la e de ser “um membro consciente da comunidade de uma cultura cujos valores são refletidos em suas práticas culturais, incluindo a prática da ciência” (RUIZ, 1995, p. 40)⁹ de extrema importância ao lidar com os contextos educacionais e de psicoterapia (RUIZ, 1995, p. 40).

Deve-se, portanto, além de poder explicar as explícitas e sutis práticas culturais que geram e mantém as desigualdades, empenhar-se em promover práticas culturais pluralistas, que são contracontroladoras (resistência), e que estimulam a diversidade, pois assim se alcançará uma cultura cujos membros sustentarão sua existência a partir da “capacidade de se adaptar à mudança e promover progresso estável” (RUIZ, 1995, p. 41)¹⁰

As analistas do comportamento feministas devem questionar os objetivos imediatos de suas pesquisas contextualizando-as em relação à cultura vigente (RUIZ, 1995, p. 40) e sendo agentes de mudanças culturais que alcancem a todas. Também é preciso que sejam criadas contingências verbais que revelem discursos que são sufocados (RUIZ, 1995, p. 40) de modo a concretizar o acima exposto.

⁷ Em inglês: “Commenting on modern science in general, Keller (1985) has exposed the invisible yet pervasive impact of gender ideology on our scientific knowledge base and its masculinist perspective.” (p. 38)

⁸ Em inglês: “have a theoretical interest in behavioral variability and in describing the contextual conditions that influence the variation of behavior at the individual level.” (p. 39)

⁹ Em inglês: “as a community-conscious member of a culture whose values are reflected in its cultural practices, including the practice of science” (p. 40)

¹⁰ Em inglês: “ability to accommodate to change and promote stable progress” (p. 41)

E também:

Uma ramificação importante da ciência darwiniana para análises feministas de resistência e opressão é a visão otimista de que a mudança e o crescimento individuais são processos naturais de superação. Contextos opressivos incitam resistência em domínios naturais e culturais, e a lógica pela qual a superação ocorre é a mesma para ambos. Algumas feministas da terceira onda (e.g., Grosz 1994, 1995, 2005; Hayes-Conroy & Hayes-Conroy, 2008; Heywood & Drake, 1997) começaram a desenvolver explicações não-dualistas que incorporam uma estrutura darwiniana e são conceitualmente compatíveis com as visões de Skinner (1953, 1961, 1971) e as explicações feministas behavioristas radicais. (Ruiz, 1995, 1998, 2003). (RUIZ, 2009, p. 145)¹¹

Portanto o presente trabalho busca analisar o papel exercido pela mulher em *Walden II*, as contingências aos quais estão submetidas às mulheres e os homens olhando para as diferenças e semelhanças entre elas, contribuindo para refletir da desigualdade de gênero presente em nossa sociedade atual a partir da perspectiva da análise do comportamento.

¹¹ Em inglês: "An important ramification of Darwinian science for feminist analyses of resistance and oppression is the optimistic view that individual change and growth are natural processes of overcoming. Oppressive contexts incite resistance in natural as well as cultural domains, and the logic by which overcoming occurs is the same for both. Some third-wave feminists (e.g., Grosz 1994, 1995, 2005; Hayes-Conroy & Hayes-Conroy, 2008; Heywood & Drake, 1997) have begun to develop non-dualistic accounts that incorporate a Darwinian framework and are conceptually compatible with Skinner's (1953, 1961, 1971) views and radical behaviorist feminist accounts (Ruiz, 1995, 1998, 2003)." (RUIZ, 2009, p. 145)

2 MÉTODO

Foi lido o livro *Walden II* (1948/1978), impresso, na versão em português, anotaram-se as páginas nas quais apareceram temáticas relacionadas a questões femininas como: menções a questões relacionadas às mulheres, de gênero e de igualdade entre os sexos. Foi feita, então, uma nova leitura das páginas selecionadas e os trechos que continuaram se mostrando relevantes foram transcritos. A versão original em inglês foi consultada somente nos casos em que alguma expressão ou frase era pouco usual ou não tinha clara relação com partes adjacentes do texto na versão em português.

Os trechos escolhidos foram transcritos no *Word*, separados por páginas em ordem numérica, e também foi feita referência ao(s) personagem (ns) que fazia(m) um relato ou emitia(m) opiniões em cada um dos trechos selecionados. Depois foram organizados segundo as seguintes categorias: Atividades/tarefas desempenhadas por homens e mulheres; Menções à igualdade; Menções a diferenças; Participação nas decisões acerca da vida na comunidade; Vida fora da comunidade; Questões relativas à educação; Questões relativas à sexualidade; Questões relativas à maternidade/casamento; Referências a personagens mulheres; Vestuário feminino; Mulher como “objeto”. As partes dos trechos que diziam respeito mais diretamente à categoria foram marcadas em negrito. Algumas categorias tiveram trechos acrescentados, retirados ou repetidos durante sua análise. As categorias podem ser vistas no Apêndice A – Categorização dos trechos selecionados para análise.

A contextualização histórica da época em que o livro foi escrito e da vida de Skinner foi utilizada na análise de modo a buscar uma maior compreensão acerca dos valores e vivências de Skinner assim como dos fatores que influíram nas ideias apresentadas em seu livro *Walden II*. Além disso, conceitos relativos ao movimento feminista pautaram a elaboração de categorias segundo as quais o papel da mulher em *Walden II* foi analisado. Foi construída uma “linha do tempo” com essa contextualização que pode ser vista no Apêndice B – Linha do tempo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O conteúdo do livro separado em cada uma das categorias foi sintetizado e buscou-se responder qual a concepção de mulher que estava sendo expressa, e se condizia ou não com posturas do feminismo. Também se procurou relacionar, quando possível, as concepções extraídas do livro com os acontecimentos do momento histórico em que *Walden II* foi produzido e com ideias expressas por Skinner ou percebidas sobre sua vida a partir da leitura de sua autobiografia.

Ao realizar análise dos trechos contidos na primeira categoria “Atividades/tarefas desempenhadas por homens e mulheres” pode-se extrair que a ideia principal que é expressa é a de que o trabalho doméstico em *Walden II* não fica restrito às mulheres, que ele é estruturado de modo a ser muito eficiente e que o uso do trabalho feminino ocorre em vários outros âmbitos, ou melhor, fica implícito que são todos os trabalhos exercidos na comunidade como pode ser exemplificado pelo trecho: “Não existem trabalhos que não possam ser feitos indistintamente pelos dois sexos.” (p. 135). Também que as mulheres que trabalham com tarefas domésticas na comunidade estão mais felizes que as tradicionais “donas de casa”, pois sua vida não fica circunscrita a isso.

Dá-se a entender que metade das mulheres em *Walden II* realizam tarefas domésticas pelo seguinte trecho: “Algumas de nossas mulheres ainda estão ocupadas em atividades que seriam parte de seu trabalho como donas de casa, mas elas trabalham mais eficientemente e contentes. E, pelo menos, metade delas está disponível para outros trabalhos.” (p. 64), porém não há uma especificação da quantidade de homens que realizam essas tarefas o que poderia mudar a interpretação do trecho. Pode-se levantar a hipótese de que talvez isto ocorra, pois, as mulheres que estão agora na comunidade vieram de fora dela e foram ensinadas a desenvolverem habilidades para certas tarefas. Assim, a divisão de trabalho ainda se mantém um pouco segmentada, e espera-se que isto mude conforme novas gerações surjam.

A concepção apresentada a respeito das mulheres nessa categoria é a de que são capazes de realizar diversos ofícios assim como os homens. É destacado que a delegação dos trabalhos domésticos às mulheres (donas de casa), como é feito pela sociedade no geral, é algo prejudicial tanto para a própria mulher quanto para a sociedade como um todo e que isso é sanado em *Walden II*. De certa forma condiz com ideais feministas de que as mulheres devem ser independentes economicamente se transposto para o contexto da vida em uma comunidade na qual tanto homens como mulheres contribuem igualmente para seu “sustento” de modo que elas não são vistas como inferiores por não contribuir igualmente.

As passagens que formam a presente categoria se relacionam intimamente com as críticas de Skinner ao papel de dona de casa socialmente aceito em sua época que, segundo ele, e a partir de sua vivência com Eve, relatada em autobiografia, estreita as possibilidades das mulheres fazendo com que elas apenas sejam reconhecidas quando realizam corretamente as tarefas domésticas e cuidam do marido e dos filhos, ou seja, possuem somente esses reforçadores e são impedidas de contribuir mais eficazmente para a economia do país.

No que concerne à vida pessoal de Skinner a insatisfação de sua esposa poderia estar ligada à “*mística feminina*”, dado que aparentava não estar totalmente feliz sendo mãe e dona de casa e que seus desejos de tornar-se escritora não se realizaram, fatos estes que são abordados no segundo volume de sua autobiografia *The Shaping of a Behaviorist: Part two of an Autobiography* (1979) e na biografia escrita por Bjork *B.F. Skinner: a life* (1997).

O modelo de seleção por consequências skinneriano, sendo base da análise do comportamento, como dito anteriormente, é condizente com a noção de que o gênero é uma construção sócio-histórica e que, portanto, não existem essência feminina e masculina, portanto, que as tarefas podem e devem ser exercidas por todos, independentemente de sexo, e que é a sociedade que faz essas delimitações e mantém esse *status quo* de acordo com o modo diferencial de reforçamento entre os sexos.

É possível notar que o personagem Burris emite comentários acerca da beleza das mulheres, exemplificada pela passagem: “uma moça muito bonita (...) recebia as bandejas, tirava os talheres e copo e as colocava de cabeça para baixo numa esteira rolante” (p. 50) e exprime certa surpresa quando responsáveis por atividades domésticas são homens ao invés de mulheres, observado no seguinte trecho: “Poucos minutos depois, apresentamo-nos ao Zelador que se revelou ser um homem (Housekeeper)* para instruções e equipamento.” (p. 74). Pode-se interpretar que o personagem mostra nas falas e ações ideologias provindas da cultura à qual está submetido fora da comunidade.

No que diz respeito à categoria “Menções à igualdade” é possível constatar que em vários trechos Frazier exprime que existe igualdade entre sexos em *Walden II*: “Há seis planejadores, geralmente três homens e três mulheres. Os sexos estão em termos tão iguais aqui que ninguém discute igualdade de sexos” (p. 56) e “Já observaram a total igualdade de homens e mulheres entre nós.” (p. 135).

É possível relacionar o seguinte trecho com a *mística feminina*:

(Frazier): Aqui, não há razão para sentir que alguém é necessário a um outro alguém. Cada um de nós é necessário na mesma medida, que é pequena. A comunidade iria igualmente bem amanhã se qualquer um de nós morresse esta noite. Não podemos, por isso, tirar muita satisfação dos sentimentos de importância. Em compensação, existem outras satisfações. Cada um de nós é necessariamente uma pessoa na medida em que é amada como uma pessoa. Nenhuma mulher pode tirar muita satisfação do sentimento de que a falta dela será sentida como a de uma cozinheira ou faxineira que se despediu; quer que a falta sentida seja a de uma esposa e mãe. Ao prover bons cuidados para todos indistintamente, ressaltamos as necessidades pessoais. Quando uma mãe sente que está perdendo a afeição de um filho, tem maiores probabilidades de descobrir a verdadeira razão. Não tentará tornar-se a si própria mais necessária tornando o filho mais dependente. Seria impossível. O seu único recurso será recuperar a afeição da criança, e ela certamente o fará se tiver entendido a natureza do problema. A comunidade, enquanto família que passou por uma revisão, modificou o lugar das mulheres mais radicalmente que o dos homens. Por essa razão, algumas mulheres sentem-se momentaneamente inseguras. Mas sua nova posição é mais digna, mais apreciada e mais sadia, e toda a questão de segurança eventualmente desaparece. Em um mundo de completa igualdade econômica, cada um pode conseguir e manter as afeições que merece. Não se pode comprar amor com presentes ou favores, nem mantê-lo pela criação de filhos inadequados, nem ter segurança no amor servindo como uma boa faxineira ou como um bom provedor. (p. 149-150).

Na época surge/reitera-se o conceito de que a mulher tem como tarefa única ser boa mãe e esposa. Skinner está fazendo uma crítica a isto assim como faz Betty Friedan, segundo Garcia (2011), mostrando quão perversa e cerceadora é esta convicção. Skinner advoga nesta passagem que as mulheres têm que ser mais do que mães e esposas que limpam e cozinham e precisam ser amadas não por fazerem isso e sim por serem pessoas, assim como os homens em relação a serem provedores. É importante considerar que esta é uma das razões pelas quais Skinner escreveu o livro. Como ele próprio conta no prefácio, ele conviveu com as consequências desse papel restrito que possuíam as mulheres por meio da relação com sua esposa e amigas.

O personagem Frazier fala que o lugar que as mulheres ocupam na comunidade é bastante diferente daquele que ocupam na sociedade, e que desse modo elas vivem contingências mais justas/igualitárias sendo amadas pelas pessoas que são e não pelo papel que cumprem.

Novamente Burris se mostra como representante da cultura machista ao buscar agradar a Mary mostrando-se “cavalheiro” em um momento do livro em que vai servi-la. Ela retruca que na comunidade esses comportamentos não são aceitáveis de modo que indica uma mudança do paradigma “mulher fraca, doce e delicada” que precisa que um homem a sirva/ ajude. Isto evidencia como as mulheres passam a se enxergar e o papel que assumem na comunidade. Burris argumenta, no entanto, que não pretendia, com o gesto, sugerir que Mary precisasse de ajuda por ser mulher, mas fazendo por ela o que ela poderia fazer por ele em outro momento por “economia” de trabalho (por que dois fazerem o que um poderia facilmente fazer?).

Em relação à terceira categoria “Menções a diferenças” o principal ponto de diferença

apresentada entre os sexos se dá aparentemente no peso que a moda/estilo tem, não como questão de natureza feminina/biológica, mas sim cultural. Segundo a fala de Frazier, “Não é realmente uma diferença de sexo, insisto. Ainda não nos libertamos da cultura da qual viemos. Os homens são menos dependentes quanto à roupa, mesmo aqui.” (p. 39), é possível analisar que a geração da comunidade que veio da sociedade comum ainda é em parte controlada por ela.

Já na categoria “Participação nas decisões acerca da vida na comunidade” apresenta-se o fato de existirem três homens e três mulheres como planejadores (estabelecem a política, revisam o trabalho dos administradores, estão atentos ao estado da nação em geral. Eles também têm algumas funções judiciais (p. 56)). Isto demonstra que há uma busca por igualdade na medida em que essas mulheres cuidarão dos assuntos atentando para as necessidades femininas. Isto coincide com demandas feministas de que mulheres tenham cargos que influem na vida da população de modo a cuidar dos interesses das mesmas não ficando à mercê de interesses masculinos que as excluiriam.

Isso também demonstra que a visão de *Walden II* é a de que mulheres são totalmente capazes de gerenciar a comunidade e exercer cargos que necessitam de amplo conhecimento. O que condiz com a percepção do feminismo de que mulheres são totalmente capazes intelectualmente e necessitam/merecem as mesmas oportunidades à educação e à decisão que homens.

Ao realizar uma análise da quinta categoria, “Vida fora da comunidade”, extrai-se que Skinner enxergava como havia em sua época uma cruel desigualdade entre homens e mulheres que era legitimada pela sociedade como sendo o natural, e como a divisão de trabalho segue essa ideologia de modo que as mulheres sofrem por lhes ser permitido apenas o papel de mãe e dona de casa. Entende a família como perpetuadora das práticas que ocorrem e a disputa de vários homens para casar-se com a mulher, desnecessária.

Eu pensava mais nas mulheres, disse Castle. Nas esposas e mães. Não sentem elas que estão sendo menos necessárias à sua família?

(Frazier) — Claro que sentem, e devem sentir. Você se refere à tradição de escravidão e assentimento que a preservaram por milhares de anos? O mundo tem feito progressos na emancipação das mulheres, mas a igualdade ainda está muito longe. Existem hoje poucas culturas nas quais os direitos da mulher são, de algum modo, respeitados. Os Estados Unidos estão talvez entre as três ou quatro nações nas quais houve algum progresso. No entanto, muito poucas mulheres americanas chegam à independência econômica e à liberdade cultural dos homens americanos. (p. 148)

É importante lembrar que em 1920 as mulheres ganharam direito ao voto nos Estados Unidos, ou seja, apenas 25 anos antes de *Walden II* ser escrito, e somente em 1969, 24 anos depois da confecção de *Walden II*, a lei de divórcio sem-culpa foi aprovada em um Estado americano pela primeira vez (Califórnia) (EVANS, 2009, p. 472-474). Portanto as críticas acima feitas por Skinner

mostram o momento vivenciado no qual, como é dito, as mulheres ainda possuíam menos liberdade econômica e cultural (por exemplo, escolha de profissão).

A visão de Skinner acerca do papel da mulher como algo socialmente construído é bastante similar às ideias de Simone de Beauvoir e também ao conceito de gênero que compreende que as identidades feminina e masculina são construídas social e historicamente.

Mas suspeito que para você o mais difícil será convencer as mulheres das vantagens da vida comunitária, — disse eu [Burris].

[Frazier] — Naturalmente! Os que têm mais a ganhar são sempre os mais difíceis de convencer. Isso é verdade também do trabalhador explorado — e pela mesma razão. Ambos foram mantidos em seus lugares, não por forças externas, mas, muito mais sutilmente, por um sistema de crenças implantado dentro de suas peles. (p.150)

Ambos negam a existência de uma essência feminina ou masculina o que remete ao modelo skinneriano de seleção por consequências. Ou seja, parte importante do controle sobre a “dona de casa” provém da cultura, de regras descritivas (comportamento verbal).

O que Frazier descreve acerca da vida da dona de casa no trecho abaixo expressa o isolamento que a mesma sofria, o que faz parte da relação coercitiva que se estabelece de modo a dificultar/impedir acesso a reforçadores positivos à mulher fazendo com que ela os receba apenas do marido e filhos mantendo, então, os comportamentos necessários para ganhá-los, ou seja, o cumprimento de seu papel de boa dona de casa.

[Frazier] Bem, concorda-se que o marido proverá abrigo, vestuário, alimento e talvez alguma diversão, enquanto a mulher trabalhará como cozinheira e arrumadeira. E terá e criará as crianças. O homem tem uma razoável liberdade de escolha ou mudança de trabalho; a mulher não tem escolha, só pode aceitar ou negligenciar o seu quinhão. Tem o direito legal de manutenção e o marido, o direito a certo tipo de trabalho.

— Para piorar as coisas, estamos educando nossas mulheres como se fossem iguais, e prometemos igualdade a elas. É de admirar que fiquem cedo desiludidas? O remédio corrente é o de reviver os "slogans" e sentimentos que fizeram com que o sistema funcionasse no passado. À boa mulher se diz que considere uma honra e um privilégio trabalhar na cozinha, fazer as camas todos os dias, olhar as crianças. Faz-se com que acredite que é necessária, de que tem sob seus cuidados a felicidade e a saúde do marido e também de suas crianças. Este é o tratamento típico recomendado à dona de casa neurótica: reconciliá-la com o quinhão que lhe coube! Mas a mulher inteligente percebe-o imediatamente, não importando o quanto queira acreditar. Sabe muito bem que outrem poderia fazer as camas e tirar as refeições e lavar a roupa, e que sua família não notaria a diferença. O papel de mãe, ela quer reservar para si própria, mas não tem mais ligação com suas tarefas cotidianas do que o papel de pai com seu trabalho no escritório, na fábrica ou no campo. (p. 148-149).

No que diz respeito à categoria “Questões relativas à educação” entende-se que a mulher não mais exerce o papel de mãe-educadora na comunidade de modo que pode ocupar-se com outras

atividades. E entende-se que essa atividade necessita de conhecimentos prévios e boa estruturação deixando implícito que não existe um instinto materno que faz com que a mãe saiba tudo o que deve ser feito (a ideia de que as mulheres “sabem como criar seus filhos” por causa de um instinto, de algo de sua “essência de mulher” também é questionada pelas feministas).

O controle do comportamento é uma ciência complexa que não poderia ser compreendida pela maioria das mães sem uma instrução prévia de alguns anos. Mas a deficiência da educação de muitas crianças não se deve só à falta de habilidade técnica. Mesmo quando a mãe sabe o que se deve fazer, frequentemente não pode fazê-lo pelas muitas outras preocupações caseiras. O lar não é o lugar mais adequado para se educar crianças. (p. 145)

Ambos, homens e mulheres, devem “considerar as crianças como suas” (p. 145) e cuidar das crianças nos jardins de infância e escola, para que não haja preconceitos em relação às ocupações de cada sexo, pois se compreende que todos têm capacidade para ter aptidão nessas atividades.

Frazier: — Lembrem-se de que os adultos que cuidam de nossas crianças são de ambos os sexos. Suprimimos os preconceitos existentes quanto às ocupações típicas de cada sexo e nos esforçamos de modo especial em manter um equilíbrio heterossexual entre os que trabalham nos jardins de infância e na escola. Trabalhar nesta tarefa não representa uma perda de prestígio, e a muitos homens agrada positivamente. (p. 147)

Podemos entender a expressão “equilíbrio heterossexual” como equilíbrio entre o número de homens e mulheres dado que na versão em inglês (1948/2005) está escrito apenas “to keep a balance in the nursery and school system.” (p. 134)¹²

No geral a educação busca não criar papéis restritos a homens e mulheres, e a ensinar igualdade entre sexos. O que reflete a percepção de que os papéis são construídos socialmente, não sendo distribuídos de acordo com uma natureza inerente aos sexos (teoria de gênero - Simone de Beauvoir).

Frazier fala acerca do feminicídio de recém-nascidas:

E o que teria você dito então se eu tivesse proposto matar recém-nascidos do sexo feminino indesejáveis? — disse Frazier — No entanto tal prática é permitida em algumas culturas. O que é que sabemos realmente sobre a natureza da relação de parentesco? Sabemos qualquer coisa? Duvido. (p. 147)

Isto mostra o reconhecimento da existência da prática, portanto, mais uma vez que as mulheres são vistas como menos que os homens pela sociedade. Também indica uma visão acerca da relação de parentesco como um constructo social.

¹² Em português: “Para manter um equilíbrio no berçário e no sistema escolar.” (p. 134).

Castle e Burris enfatizam a necessidade de uma mãe, questionando as práticas da comunidade, o que aponta novamente que são representantes de uma sociedade que perguntaria o porquê dessas práticas, dado que possuem visões machistas.

Ao analisar “Questões relativas à sexualidade” entende-se que o sexo é tratado como um comportamento natural na comunidade, havendo aulas de educação sexual (apesar de serem mais direcionadas a funções biológicas), de modo que as crianças são educadas para lidar com esse comportamento de maneira benéfica e não como “um jogo ou uma caçada”, o que contribui para que, por exemplo, não haja violências sexuais, ao entendermos que está implícito (no comportamento sexual saudável) a necessidade de que ambos do casal concordem em realizar o ato. Também, dessa maneira, parte da submissão feminina que ocorre relacionada, muitas vezes, a questões sexuais na sociedade atual, acaba por não ocorrer não comunidade.

Tal postura converge com o feminismo na medida em que é proposta uma igualdade sexual, dado que não é algo valorizado para os homens de *Walden II* e tido como um “tabu” para as mulheres, como tende a acontecer até hoje na sociedade (ocidental, tida como padrão). Há, porém, um entendimento de que as meninas amadurecem biologicamente mais cedo que os meninos o que provém da concepção de que o que é filogenético se mantém.

Burris ao perguntar “E quanto às meninas?” (p. 227) novamente demonstra possuir uma “visão de mundo” pautada nas ideias correntes de sua época que consideravam as mulheres como não desejantes de sexo da mesma forma que os homens e que eram (e ainda são) categorizadas ou como santas ou como devassas, sendo que as duas são maneiras de ofender e controlar socialmente as mulheres, pois delimita como devem comportar-se.

Vale salientar que a discussão acerca desse comportamento entre pessoas do mesmo sexo não aparece.

Quanto às “Questões relativas à maternidade/casamento”, ao falar de amor materno Frazier indica que ele não é algo único, especial e diferente do amor paterno ou até o de outras pessoas, quebrando o senso comum de que “não há nada como o amor de mãe”, ou seja, que é imprescindível e provém do instinto materno. Inclusive o afeto é algo que pode e é planejado na comunidade (p. 101), planejamento decorrente de conhecimento acerca de comportamento humano.

“(…) e o amor materno? Frazier e a Sra. Nash olharam-se e riram. — Refere-se ao amor materno como essência, Sr. Castle? disse Frazier.

— Não! disse Castle irritando-se. Falo de algo concreto. Falo do amor que a mãe proporciona a seu filho, o afeto. Bem, para ser realmente concreto, os beijos, as carícias, etc,

suponho que lhes ocorreriam. Vocês não podem esperar que eu lhes dê as dimensões físicas do amor de mãe! — Ele estava confuso e arrebatado. — É muito real para a criança, aposto! acrescentou zangado.

— Muito real, disse Frazier calmamente. E o ministramos em doses generosas. Mas não o limitamos ao amor materno, ampliamos-lo ao paterno também, ao amor de todos, ao amor comunitário, se prefere. As nossas crianças são tratadas com afeto por todos — com afeto planejado também, que não está sujeito a irritações decorrentes de excesso de trabalho ou descuidos devido à ignorância.” (p. 101)

Em relação à idade em que as mulheres têm filhos em *Walden II* é possível perceber que se pauta em perspectivas e conhecimentos antigos, pois se acredita que mulheres mais novas são mais aptas a manterem gravidezes saudáveis.

A média de idade de uma mãe de Walden II, em seu primeiro parto, é dezoito anos e esperamos que essa média abaixe ainda mais. (p. 131)

Meninas tão jovens podem dar à luz com facilidade? — perguntou Bárbara.

— Com mais facilidade que as mais velhas, disse Frazier mansamente, como se ele mesmo houvesse dado à luz vários filhos em sua adolescência. Asseguramo-nos, é claro, de que a jovem seja capaz de uma gravidez normal. Mas isso deveria ser comprovado em qualquer idade. (p. 134)

Em decorrência da tecnologia atual tal concepção não mais é uma verdade absoluta, pois a ciência está contribuindo para o adiamento da maternidade. Ignora-se também a idade do homem que hoje se sabe que também influi no quão sadios serão os espermatozoides e, portanto, o bebê.

Também em relação à gestação de filhos parece que mesmo em *Walden II* isto é uma obrigação imposta à mulher; em nenhum momento é dito que é escolha da mulher gestar ou não, pelo contrário: “Fez sua contribuição especial que é tanto sua obrigação como seu privilégio por ser mulher” (p. 135). A capacidade de gerar bebês mostra-se como uma das características mais diferenciadoras entre homens e mulheres que acaba sendo utilizada para manter a comunidade/humanidade crescendo, ou seja, neste aspecto há grande tendência de minimizá-la a um útero e desconsiderar o que a própria mulher quer para si.

Segundo Frazier não há problema em as mulheres terem filhos cedo, ao contrário, elas não ficam “presas” na tarefa de criá-los, ou seja, depois de terem gestado seus bebês ficam “livres” novamente. A noção é a de obrigação de reproduzir.

Fica implícito que é possível ter filhos sem estar casado: “Os jovens casais vivem igualmente bem, casados ou não. Às crianças são dados cuidados iguais, não importando a experiência, a idade ou o poder aquisitivo dos pais.” (p. 133). Também, pois, “Ela (mulher) não é “obrigada” a se casar. Isso se deixa à sua vontade” (p. 137, meus parênteses). Mas ainda aparenta que o que mais acontece é o casamento e, então, a gravidez, dado que em relação ao casamento percebe-se que há uma propensão para que ocorra entre jovens.

Pode-se inferir que em relação a questões mais diretamente ligadas ao biológico como, a idade materna devendo ser pouca e a ideia de que meninas amadurecem mais rápido que meninos, Skinner tende a fazer considerações mais condizentes com as concepções de sua época.

Em *Walden II* há um “estudo de perfis” que antecede os matrimônios de modo a buscar minimizar possíveis conflitos que podem ocorrer no futuro se o casal se unir.

Quando dois jovens ficam noivos, vão ao Administrador de Matrimônios. Este examina seus interesses, seus antecedentes escolares e sua saúde. Se houver uma discrepância considerável na capacidade intelectual ou no temperamento, aconselha-os a não se casarem. (p. 137)

Isto demonstra um olhar peculiar acerca do casamento que difere das ideias correntes de que “quando há amor tudo se conversa/os obstáculos são superados”, etc, ou do matrimônio por interesses que, na maioria das vezes, era a “venda” implícita da mulher ao marido pelo pai/família na qual a mulher não tinha voz (não precisava amar). Podemos entender que no caso do casamento sua função na comunidade difere da presente na sociedade, principalmente na época de Skinner e anteriormente, que era a de subjugar a mulher às tarefas de mãe e esposa de modo que ela ficava dependente do marido econômica e culturalmente, e de vários outros reforçadores. O divórcio é aceito na comunidade, sendo que apenas em 1969 a lei de divórcio sem-culpa foi aprovada na Califórnia. Isto reafirma a ideia de que a função do casamento na comunidade e na sociedade fora dela distinguem-se.

Na comunidade o afeto é um reforçador positivo que está em abundância e que não é restrito ao cônjuge, o que diminui em muito a probabilidade de traição/infidelidade, segundo Frazier (p. 143). O que também pode explicar que seja aceita a prática de que até mesmo casais vivam em quartos separados. E quando há traição a forma de lidar é diferente e a pessoa não “chega a se sentir realmente muito abandonado.” (p. 143).

Frazier também reitera que o que mantém os casais unidos em *Walden II* é o afeto em si e não questões econômicas, pois estes não são problemas na comunidade sendo esse um fator que contribui para que as relações sejam mais duradouras entre casais e entre as pessoas em geral.

O afeto/amizade ocorre até mesmo entre homens e mulheres sem que seja carregado de caráter sexual: “Entre outras coisas, encorajamos a simples amizade entre sexos, enquanto que o mundo exterior não faz mais que proibi-la.” (p. 143), ou seja, a comunidade entende que é possível e até saudável que haja amizades entre os sexos, o que é visto pela sociedade como impossível até, pois deriva da ideia de que “homens sempre veem as mulheres como potenciais parceiras sexuais,

pois só pensam em sexo”. (Novamente seleção por consequências - retirada do caráter essencialista de homem - Regras descritivas que delimitam/controlam o comportamento dos homens - e mulheres - esperar que o homem “faça avanços”).

No que diz respeito à categoria “Referências a personagens mulheres” observa-se que várias frases e pensamentos de Burris indicam sua visão machista como personagem - pois julga as mulheres principalmente pela aparência -, e revelam que acha chocante o fato de que Bárbara e Mary tenham sido aceitas para visitar a comunidade: “As garotas, percebi com algum choque, tinham sido aceitas como membros do grupo desde o princípio.” (p. 16). Ou seja, as vê como inferiores e entende a desenvoltura de Bárbara como atrevimento, o que está totalmente relacionado à postura quanto ao papel e comportamentos que uma mulher deve e não deve desempenhar, o que ele enxerga como certo e errado sobre o agir das mulheres que retrata a sociedade, impositiva de regras descritivas machistas e que reforça/pune comportamentos de modo a manter as mulheres se comportando como lhe convém.

A visão da dona-de-casa que tem como único papel cuidar da casa, do marido e filhos é aceita por Burris, de modo que ele não consegue entender como ela conseguiria morar em *Walden II*, achando que ela ficaria aborrecida, sem “sentido na vida”: “Mas, e quanto à dona-de-casa típica de classe média? O que faria ela com oito ou dez horas de lazer por dia? Ela não se aborreceria? Ou ficaria impaciente e desconfortável?” (p. 220).

O fato de ele conhecer essa mulher (“uma senhora de cinquenta e cinco ou sessenta anos, sentada numa espreguiçadeira clara” (p. 219), residente em *Walden II*), que segue o estereótipo e está feliz o que o deixa de certa forma perplexo. É mostrado, porém, que ela está contente, que sua vida não se limita aos afazeres domésticos e não deveria se limitar, como diz Frazier ao longo do livro, apesar de que ela ainda faz tortas e bolos, cuida de crianças e borda tapeçaria.

— O que mais a Sra. faz com o seu tempo? — Oh, há as crianças de minha filha e seus amiguinhos. Passo muito tempo com elas. Estes dias estou ensinando-as a cozinhar. Tortas e bolos. E também tomo conta delas enquanto nadam. (p. 221-222).

Isto remete ao fato de que ela veio de uma sociedade na qual esses comportamentos foram selecionados e se mantém mesmo na comunidade. Burris após conversar com esta mulher entende que sua perplexidade é uma questão mais relacionada com a falácia de que só o trabalho acaba com o tédio do que com o papel social de dona de casa. “Que cinismo extraordinário — esta ideia de que nada, exceto trabalho duro, podia evitar o tédio!” (p. 222).

Em relação à categoria “Vestuário feminino” extrai-se que *Walden II* não se mostra totalmente igualitário. Aparentemente mulheres se encarregam do vestuário das mulheres e o próprio Frazier admite que há ainda certa força da cultura externa atuando sobre a questão da vestimenta, dado que as mulheres se arrumam “melhor” que os homens. “Não é realmente uma diferença de sexo, insisto. Ainda não nos libertamos da cultura da qual viemos. Os homens são menos dependentes quanto à roupa, mesmo aqui.” (p. 39).

Talvez esta passagem venha mostrar como o grupo tem, em alguns aspectos, influência duradoura sobre o comportamento humano e o quanto há uma enorme pressão acerca de moda para as mulheres, além de estar relacionada com classe social.

Há menções à Mulher como “objeto”:

O fato é que é muito pouco provável que qualquer pessoa em *Walden II* anseie tão firmemente por um curso de ação a ponto de ser infeliz se a possibilidade escolhida não lhe estiver aberta. Isso é verdade tanto a respeito de uma mulher quanto de uma profissão. (p. 56).

Isso faz supor que vocês conseguem tudo o que querem, disse Castle. — Mas e as posses sociais? Ontem à noite você se referiu ao jovem que escolhe moça ou profissão determinadas. Ainda há possibilidade de ciúme, não acha? (p. 105).

As falas acima mostram a mulher sendo comparada a uma profissão em relação a ser algo escolhido. Ou seja, parece que é o homem que escolhe a mulher e não o contrário. Pode ser uma fala referente a exemplos de ideias correntes na sociedade, “figura de linguagem” não significando que é assim em *Walden II*.

Não podemos esquecer que as personagens de Burris e de seus acompanhantes são ali colocadas como contraponto à vida em *Walden II*. São as figuras de fora que fazem as perguntas e os comentários que quem vive fora da comunidade faria. O livro foi escrito por Skinner para mostrar uma possibilidade de vida oposta àquela que as personagens de fora parecem prezar.

É preciso reiterar que várias das ideias apresentadas no livro foram discutidas por Skinner com colegas e que partiram de vivências próprias como sua relação com a esposa e filhas, a vivência no período da grande depressão dos E.U.A. e o estabelecimento do “New Deal”, da segunda guerra mundial, assim como do pós-guerra que deu início à guerra fria e à renovação do “*American way of life*”, suas leituras acerca de sociedades utópicas, e a idealização de uma cultura melhor para os seres humanos.

O movimento feminista na época em que o livro foi escrito havia conquistado a apenas 25 anos o direito ao voto (1920) e as mulheres, com o advento da Segunda Guerra Mundial, haviam

sido inseridas nas fábricas e órgãos militares, porém após a Guerra ocorreu um retorno a concepções de que o lugar da mulher era o lar. A terceira onda feminista só surgiu em 1949, cinco anos após Skinner ter escrito *Walden II*. Ou seja, Skinner escreve acerca de uma comunidade em que há acesso igual aos reforçadores a homens e mulheres, assim como possibilidade de que ambos os sexos realizem quaisquer tarefas na comunidade, o que pode ser entendido como igualdade de gênero em um momento em que o feminismo não está sendo muito difundido.

É possível entender, então, que Skinner ao escrever acerca de questões relativas a gênero estava sendo inovador apesar de não ter levado em consideração muitas das variáveis controladoras que são importantes na desigualdade de gênero como diz Wolpert (2005), pois na época muitas discussões acerca do papel da mulher ainda estavam por ocorrer e adventos como o da pílula anticoncepcional e do próprio divórcio (que é aceito na comunidade) ainda não haviam ocorrido. Com certeza existem indicativos de que Skinner possui concepções de sua época como, por exemplo, o fato de que considera a geração de bebês uma obrigação e privilégio da mulher e a menção apenas a relações amorosas que são heterossexuais, mas é aceitável dado a época em que escreveu o livro. Porém, como diz a autora, é necessário que atentemos para práticas mantenedoras das desigualdades de gênero atuais.

Novamente é significativo mencionar que o modelo de seleção por consequências skinneriano contribui para a quebra da concepção de que existem essências femininas e masculinas e conseqüentemente para a ruptura de ideologias machistas como o que concerne à mulher por ser mulher (cuidar da casa, filhos, ser recatada, etc.) e é condizente com ideias como a distinção de sexo e gênero de Simone de Beauvoir, como dizem Silva e Laurenti (2016).

Segundo Ruiz (1998) várias das críticas feitas pelo feminismo em relação à análise do comportamento referem-se a outras vertentes que não a do behaviorismo radical. Ela esclarece que essa vertente, ao contrário das críticas, entende que o comportamento deve ser explicado a partir de uma visão contextualista, estando inserido em um lugar e tempo determinados, e que o cientista faz parte do mundo que estuda. Também que os indivíduos têm possibilidade de modificar seu ambiente, pressuposto este que abre espaço para se pensar na luta feminista, que busca a modificação das práticas que mantêm as desigualdades de gênero.

A autora diz que para que isto ocorra é necessário que os atos que possibilitam a mudança sejam entendidos a partir de uma visão contextualista. Também que a comunidade verbal deve valorizar o autoconhecimento e os discursos variados das mulheres. Dado que o behaviorismo radical preocupa-se com a variação comportamental, ele pode ser utilizado como ferramenta para se

analisar questões de gênero, sendo que os cientistas devem refletir acerca de suas teorias e práticas constantemente atentando para preconceitos que podem existir, mesmo que implicitamente.

Segundo Garcia (2011) é exigida pelas feministas a liberdade de definir a própria identidade. Tal ideia não condiz com a teoria skinneriana segundo a qual a liberdade pura não existe e a identidade humana é definida pelos três níveis de seleção; porém ao se entender liberdade como um tipo especial de controle no qual as variáveis controladoras são de reforçamento positivo que em longo prazo não trazem consequências ruins ao indivíduo (LAURENTI, 2009), pode-se extrair que é possível e necessário que as mulheres participem da criação da cultura de modo que ela seja igualitária para ambos os sexos.

As ações necessárias para tal são entendidas como ações feministas, pois elas expõem a desigualdade de gênero e reclamam direitos e igualdade (GARCIA, 2011, p. 13). Seguindo esse raciocínio é possível refletir acerca das práticas da comunidade de *Walden II* como sendo, em grande parte, isentas de desequilíbrio entre os gêneros, pois, possibilitam acesso equitativo a reforçadores a mulheres e homens, assim como promovem uma divisão de tarefas não pautada por sexos, mas sim por competência. O livro pode ser entendido como feminista no sentido de que mostra uma comunidade em que o feminismo não seria necessário apontando as discrepâncias com a sociedade da época e, portanto, implicitamente fomentando uma mudança, um feminismo.

O fato de se destacar na obra de Skinner alternativas às condições vigentes, a argumentação de suas vantagens (por meio de Frazier) e resultados possíveis da implementação destas alternativas permite pelo menos pensar a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade atual sob a perspectiva da análise do comportamento.

A partir da análise do papel exercido pela mulher em *Walden II* (1948/1978) é possível extrair que se torna necessário uma mudança nas contingências ambientais e regras descritivas que estão em voga de modo a não cercear os comportamentos que a mulher pode desempenhar e a lhe dar espaço para que possa ampliar repertórios comportamentais e deve-se focar na educação de futuras gerações de modo que elas sejam criadas desse modo. Este trabalho buscou mostrar, como parece pretender Skinner em sua obra *Walden II*, que a existência da desigualdade de gênero se deve a contingências sociais históricas e atuais e que são possíveis e necessárias mudanças nesse âmbito de modo a gerar igualdade entre os sexos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de Skinner em *Walden II* é de que tanto homens quanto mulheres tenham acesso igual aos reforçadores. Ele vai apresentando ao longo do livro que possui a noção de que na sociedade em que vive isto não ocorre e que existem várias disparidades entre os comportamentos considerados corretos para homens e os que são considerados corretos para as mulheres. Sendo assim, é possível dizer que ao sanar essas disparidades a comunidade é feminista. Não há, porém, um aprofundamento em todas as formas de controle aos quais as mulheres estão submetidas, como por exemplo, a obrigação de gestar, o que é até esperado dado o momento histórico em que foi escrito.

É preciso reiterar que existem várias vertentes do feminismo e que cada uma delas interpreta questões como família, maternidade, sexualidade, vestuário, etc. da sua maneira com argumentos próprios. Cada uma delas também entende diferentemente o modo pelo qual se deve buscar a igualdade entre os sexos. Esse trabalho não pretendeu esgotar as possibilidades de compreensão do feminismo e de como acabar com a desigualdade entre gêneros.

É possível afirmar, entretanto, que a análise do comportamento possibilita uma compreensão das desigualdades de gênero entendendo que elas se dão pelas relações coercitivas socialmente aceitas, que dificultam e até impedem o acesso das mulheres a reforçadores positivos, de modo que os homens dispõem desses reforçadores e podem assim controlar o comportamento das mulheres, tendo dessa maneira vantagens sobre as mesmas. Parte desse controle é mantido também por regras descritivas que prescrevem que comportamentos são adequados e inadequados para os indivíduos, fazendo distinção de gênero.

Em vista disso, e de que os indivíduos podem modificar seu ambiente, é reconhecida a necessidade e viabilidade da criação de novas práticas culturais que questionem as regras descritivas e estabeleçam relações não coercitivas e igualitárias dando acesso a reforçadores positivos às mulheres de modo justo. Para isso é preciso que a comunidade reforce verbalmente as mulheres a se autoconhecerem dando espaço à multiplicidade. E é imprescindível que a educação volte-se para a criação da igualdade de gênero por meio de um ensino igualitário que desconstrua preconceitos.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália P. A. **Sobre as condições históricas em que se insere Skinner**. Texto utilizado exclusivamente para fins didáticos, [s.n.t.].

BJORK. Daniel W. **B.F. Skinner: a life**. Washington: American Psychological Association, 1997.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de S. C. **Nota técnica: Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)**. Brasília, n.11, mar. 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2016.

EVANS, Michelle L. Wrongs Committed During a Marriage: The Child that No Area of the Law Wants to Adopt. **Wash. & Lee L. Rev.**, v.66, n.1, p.464-501, 2009. Disponível em: <<http://scholarlycommons.law.wlu.edu/wlulr/vol66/iss1/11>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2015/06/FBSP_8anuario2014.pdf>. Acesso em: 22 maio 2016.

France Presse. **Saiba quando as mulheres conquistaram o direito ao voto nos EUA**. Wahington, [s.d.]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/eua_eleicoes_pop_mulheres.html>. Acesso em: 28 out. 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GOMES, Holga Cristina da Rocha; COSTA, Nazaré. Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. **Acta comportalia**, Guadalajara, v.22, n.1, p. 89-100, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S018881452014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 fev. 2016.

GUERIN, B. Behavior Analysis and the Social Construction of Knowledge. **American Psychologist**, v.47, n.11, p. 1423-1432, nov. 1992. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/726/990>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos EUA (Nós, o povo)**. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1983.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Mensal de Emprego - PME 2003-2011**. [s.l.], mar. 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em: 21 maio 2016.

LAURENTI, Carolina. Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical. **Sci. stud.**, São Paulo, v.7, n.2, p. 251-269, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 Mar. 2017.

MELLO, Ana Claudia R.; Costa D. As mulheres na guerra. **Rev. Pré-univesp Capitalismo e Sustentabilidade**, São Paulo, n.61, dez/jan. 2017. Disponível em: http://pre.univesp.br/as-mulheres-na-guerra#.WBvAp_krLIV>. Acesso em: 28 jan. 2017.

ONU Mulheres Brasil. **Visão geral**. [s.n.t.]. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/brasil/visao-geral/>>. Acesso em: 5 maio 2016.

Pesquisa Instituto Avon/Data Popular. **Violência contra a mulher: o jovem está ligado?** [s.l.], 2014.

Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON- violencia-jovens_versao02-12- 2014.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v.18, n.36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em:< <http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624/20159>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

RUIZ, M. R. B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. **Behavior an Social Issues**, v.5, n.2, p. 29-44, 1995. Disponível em: <<https://firstmonday.org/ojs/index.php/bsi/article/view/224/2150>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

RUIZ, M. R. Beyond the mirrored space: time and resistance in feminist theory. **Behavior and Philosophy**, v.37, p.141-147, 2009. Disponível em: <<http://www.behavior.org/resource.php?id=370>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR). **Balanco 2015**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher/balanco180-2015.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2016.

SIDMAN, Murray. (1989). **Coerção e suas implicações**. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

SILVA, Emanuelle C.; LAURENTI, Carolina. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. **Revista perspectivas em análise do comportamento**, v.7 n.2 p. 197-211, 2016. Disponível em: <https://media.wix.com/ugd/89bfd6_20cbfaf4854843f39fad9e5b54f926ea.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2017.

SKINNER, B. F. (1948). **Walden II: Uma sociedade do futuro**. São Paulo: EPU, 1978.

SKINNER, B. F. (1948). **Walden Two**. Indianapolis, Hackett Publishing Company, Inc., 2005.

SKINNER, B. F. **Para além da liberdade e dignidade**. Lisboa: Edições 70, LDA, 1971.

SKINNER, B.F. **The Shaping of a Behaviorist: Part two of an Autobiography**. New York: Alfred A. Knopf, 1979.

SKINNER, B.F. **A Matter of Consequences: Part three of an Autobiography**. New York: Alfred A. Knopf, 1983.

United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women (UN Women). **Annual Report 2012–2013**. Nova York, 2013. Disponível em: <<http://www2.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2013/6/unwome-n-annualreport2012-2013-en%20pdf.pdf?v=1&d=20141013T121457>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015 – Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, 1 ed. 2015. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2015/11/MapaViolencia_2015_homicidiodemulheres.pdf>. Acesso em: 22 maio 2016.

WIENER, Daniel Norman. Walden II from the heart. In: **B.F. Skinner: benign anarchist**. Boston: Allyn and Bacon, 1996, p. 102-114.

WOLPERT, Rita S. A multicultural feminist analysis of Walden Two. **The Behavior Analyst Today**, v.6, n.3, p. 186-190, 2005. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/journals/bar/6/3/186.pdf&uid=2014-44023-007&db=PA>>. Acesso em: 7 maio 2016.

APÊNDICE A – Categorização dos trechos selecionados para análise

SKINNER, B. F. (1948). **Walden II: Uma sociedade do futuro**. São Paulo: EPU, 1978.

(continua)

| | |
|---|--|
| <p>Atividades/tarefas desempenhadas por homens e mulheres</p> | <p>Página: 31 - Fala de Frazier: “um de nossos professores (...), preparou uma aula sobre práticas domésticas”.</p> <p>“lindo trabalhinho de engenharia doméstica”</p> <p>Página 32 – Burris narrando: “mas eu vi que as garotas estavam carregando copos altos dentro de porta-copos (...). Elas também carregavam pratos quadrados contendo pão e manteiga”</p> <p>Fala de Frazier: “jovens engenheiros domésticos”</p> <p>Página 50 – narração de Burris: “uma moça muito bonita (...) recebia as bandejas, tirava os talheres e copo e as colocava de cabeça para baixo numa esteira rolante”.</p> <p>“Um homem (...) recebeu a bandeja depois”.</p> <p>“Toda a lavagem de louça parece ser feita por duas pessoas, — disse eu. Frazier abanou a cabeça afirmativamente com convicção. E com quatro ou cinco turnos por dia, você vê oito ou dez pessoas no máximo, — disse ele. — Compare isso com duzentas e cinquenta donas de casa, lavando duzentos e cinquenta jogos de uma miscelânea de pratos três vezes ao dia e você verá o que nós ganhamos ao industrializar o trabalho doméstico.”</p> <p>Página 56 – Fala de Frazier “Há seis planejadores, geralmente três homens e três mulheres.”</p> <p>Página 64 – Fala de Frazier “Cherchez la femme!, disse ele por fim. E parou para gozar nosso embarço. As mulheres! As mulheres! O que vocês supõem que elas têm feito todo esse tempo? Aí está a nossa maior realização.</p> |
|---|--|

| | |
|---------------------|--|
| | <p style="text-align: right;">(Continuação)</p> <p>"Nós industrializamos o trabalho doméstico (housewifery). Ele pronunciou novamente "huzzifry" (sem alegria) e eu então entendi o trocadilho."</p> <p>"Algumas de nossas mulheres ainda estão ocupadas em atividades que seriam parte de seu trabalho como donas de casa, mas elas trabalham mais eficientemente e contentes. E, pelo menos, metade delas está disponível para outros trabalhos."</p> <p>Página 74 - Burris:</p> <p>"Poucos minutos depois, apresentamo-nos ao Zelador que se revelou ser um homem (Housekeeper)* para instruções e equipamento."</p> <p>"Rodge e Steve, como eram os mais ágeis, ficaram de remover as janelas e mantê-las de pé contra as paredes sobre pequenos encerados; Castle e eu ficamos de limpá-las com esponja e flanela, bem como as janelas exteriores, que ficavam no lugar; Bárbara e Mary deveriam poli-las com "spray" e panos especiais;"</p> <p>Página 83 – Burris:</p> <p>"Havia muitos homens e mulheres trabalhando e comentei que a maioria era surpreendentemente jovem. — Estamos acrescentando vários quartos a um dos corredores particulares — disse Frazier. — Esses jovens irão ocupá-los. Há uma certa satisfação em construir a própria moradia. Uma espécie de instinto de ninho. Tornou-se parte do processo amoroso em Walden II."</p> <p>Página 135 – Frazier:</p> <p>"Não existem trabalhos que não possam ser feitos indistintamente pelos dois sexos."</p> |
| Menções à igualdade | <p>Página 56 – Fala de Frazier</p> <p>"Nosso único governo é uma Junta de Planejadores, disse Frazier, com uma mudança de tom que sugeriu que o havia tocado num ponto de controvérsia habitual. — O nome vem desde o tempo em que Walden II existia apenas no papel.</p> |

(Continuação)

“Há seis planejadores, geralmente **três homens e três mulheres. (REPETIDO) Os sexos estão em termos tão iguais aqui que ninguém discute igualdade de sexos**”.

Página 71- Burris:

“Creme e açúcar? disse eu dirigindo-me para a porta. Mary levantou-se. — Vou com você, disse ela. Comecei a protestar, e ela acrescentou: Bárbara disse que **aqui ninguém serve uma mulher**. Eu retruquei. — Mas não a estava tratando como a uma mulher, disse eu. Eu poderia pegar duas xícaras esta manhã, você podia pegar duas esta tarde, e assim por diante. Pense nisso como uma peça de engenharia humana! Estou certo de que o Sr. Frazier aprová-lo-ia. Gostaria de saber quantas horas-homem por ano economizaríamos?”

REPETIDO

Página 135 – Frazier:

“E, nesse aspecto, **encontra-se em circunstâncias parecidas com as do homem. Fez sua contribuição especial que é tanto sua obrigação como seu privilégio por ser mulher e pode ocupar um lugar na vida sem distinção de sexo. Já observaram a total igualdade de homens e mulheres entre nós. Não existem trabalhos que não possam ser feitos indistintamente pelos dois sexos.**”

Página 149 – Frazier:

Aqui, não há razão para sentir que alguém é necessário a um outro alguém. **Cada um de nós é necessário na mesma medida, que é pequena.** A comunidade iria igualmente bem amanhã se qualquer um de nós morresse esta noite. Não podemos, por isso, tirar muita satisfação dos sentimentos de importância. Em compensação, existem outras satisfações. **Cada um de nós é necessariamente uma pessoa na medida em que é amada como uma pessoa. Nenhuma mulher pode tirar muita satisfação do sentimento de que a falta dela será sentida como a de uma cozinheira ou faxineira que se despediu; quer que a falta sentida seja a de uma esposa e mãe. Ao prover bons cuidados para todos indistintamente, ressaltamos as necessidades pessoais.**

| | | |
|--|----|---|
| | | (Continuação) <p>“Quando uma mãe sente que está perdendo a afeição de um filho, tem maiores probabilidades de descobrir a verdadeira razão. Não tentará tornar-se a si própria mais necessária tornando o filho mais dependente. Seria impossível. O seu único recurso será recupe-” Página 150 – Continuação: “rar a afeição da criança, e ela certamente o fará se tiver entendido a natureza do problema. A comunidade, enquanto família que passou por uma revisão, modificou o lugar das mulheres mais radicalmente que o dos homens. Por essa razão, algumas mulheres sentem-se momentaneamente inseguras. Mas sua nova posição é mais digna, mais apreciada e mais sadia, e toda a questão de segurança eventualmente desaparece. Em um mundo de completa igualdade econômica, cada um pode conseguir e manter as afeições que merece. Não se pode comprar amor com presentes ou favores, nem mantê-lo pela criação de filhos inadequados, nem ter segurança no amor servindo como uma boa faxineira ou como um bom provedor.”</p> |
| Menções a diferenças | a | Página: 31 - Fala de Frazier: <p>”Tão estranho quanto possa parecer, (...) há muitas coisas em Walden II das quais não estou capacitado a falar, especialmente coisas de interesse das senhoras – Ele sorriu para Bárbara e Mary – Eu então pedi a Sra. Meyerson que me ajudasse. Ela está encarregada do vestuário feminino, mas pode responder à maioria das perguntas referentes a outros assuntos.” Página 39 - Frazier “Não é realmente uma diferença de sexo, insisto. Ainda não nos libertamos da cultura da qual viemos. Os homens são menos dependentes quanto à roupa, mesmo aqui.</p> |
| Participação nas decisões acerca da vida na comunidade | na | REPETIDO Página 56 – Fala de Frazier <p>“Nosso único governo é uma Junta de Planejadores, disse Frazier, com uma mudança de tom que sugeriu que o havia tocado num ponto de controvérsia habitual. — O nome vem desde o tempo em que Walden II existia apenas no papel. Há seis planejadores, geralmente três homens e três mulheres. Os sexos estão em termos tão iguais aqui que ninguém discute igualdade de sexos”.</p> |

| | |
|--------------------------------|---|
| <p>Vida fora da comunidade</p> | <p style="text-align: right;">(Continuação)</p> <p>Página 42 – Frazier para Burris:</p> <p>“Considere a dona de casa média. (...) Como a dona de casa média gasta a maior parte de seu dia? Sozinha! Quem é que ela vê? Vendedores, suas crianças mais novas ou dois ou três vizinhos... não dois ou três amigos, apenas duas ou três pessoas que acontecem de estar ao alcance.</p> <p>É surpreendente que ela considere o barulho e o movimento de uma grande multidão da mesma maneira que um homem faminto encara a comida? É claro que ela extrai emoções da multidão! E quanto maior a multidão melhor; mais certa ela está de que, pelo menos algum tempo, ela não ficará sozinha. Mas como uma pessoa que não está privada de amizade ou afeição apreciaria uma multidão?”</p> <p>Página 137 – Frazier:</p> <p>“Para a maioria das mulheres, a adolescência é um período de preocupação pelo seu êxito pessoal e pelo matrimônio. Para as mais afortunadas, supõe uma falsa excitação. A imagem de uma resplandesciente jovem debutante rodeada por um grupo de solícitos enamorados é um artificial pedaço de fantasia de que a civilização pode muito bem prescindir.”</p> <p>Página 141 – Fala de Frazier:</p> <p>“O fato mais significativo do nosso tempo — começou Frazier — é o crescente enfraquecimento da família. A perda da importância do lar como um meio para perpetuar uma cultura; a luta pela igualdade das mulheres, incluindo o direito de escolher profissões que não sejam as de dona de casa ou ama-seca; as extraordinárias consequências do controle da natalidade e a separação prática do sexo e da paternidade; a aceitação social do divórcio; o levantamento crítico da questão das relações consanguíneas ou inter-raciais — tudo isso são aspectos do mesmo problema. Dificilmente, pode-se sustentar que se trate de um tema tranquilo. Uma comunidade deve resolver os problemas da família revisando certas práticas já estabelecidas. É absolutamente inevitável.”</p> |
|--------------------------------|---|

(Continuação)

“A família é uma forma antiga de comunidade e os costumes e hábitos estabelecidos para perpetuá-la estão deslocados numa sociedade que não se baseia em laços de sangue.”

“Walden II suprimiu a família, não só como unidade econômica, como também, até certo ponto, como unidade social e psicológica. O que sobreviver dela é uma questão experimental.”

Página 148 – Castle e Frazier:

“Eu pensava mais nas mulheres, disse Castle.

Nas esposas e mães. Não sentem elas que estão sendo menos necessárias à sua família?

— Claro que sentem, e devem sentir. Você se refere à tradição de escravidão e assentimento que a preservaram por milhares de anos? O mundo tem feito progressos na emancipação das mulheres, mas a igualdade ainda está muito longe. Existem hoje poucas culturas nas quais os direitos da mulher são, de algum modo, respeitados. Os Estados Unidos estão talvez entre as três ou quatro nações nas quais houve algum progresso. No entanto, muito poucas mulheres americanas chegam à independência econômica e à liberdade cultural dos homens americanos.”

“Sentimentos de insegurança! — Frazier continuava com crescente calor. — O sistema de casamento vive do comércio deles! A que vem o casamento comum de classe média? Bem, concorda-se

Página 149 – Continuação:

“que o marido proverá abrigo, vestuário, alimento e talvez alguma diversão, enquanto **a mulher trabalhará como cozinheira e arrumadeira. E terá e criará as crianças. O homem tem uma razoável liberdade de escolha ou mudança de trabalho; a mulher não tem escolha, só pode aceitar ou negligenciar o seu quinhão. Tem o direito legal de manutenção e o marido, o direito a certo tipo de trabalho.** — Para piorar as coisas, **estamos educando nossas mulheres como se fossem iguais, e prometemos igualdade a elas. É de admirar que fiquem cedo desiludidas?”**

(Continuação)

“O remédio corrente é o de reviver os "slogans" e sentimentos que fizeram com que o sistema funcionasse no passado.”

“À boa mulher se diz que considere uma honra e um privilégio trabalhar na cozinha, fazer as camas todos os dias, olhar as crianças. Faz- -se com que acredite que é necessária, de que tem sob seus cuidados a felicidade e a saúde do marido e também de suas crianças. Este é o tratamento típico recomendado à dona de casa neurótica: reconciliá-la com o quinhão que lhe coube! Mas a mulher inteligente percebe-o imediatamente, não importando o quanto queira acreditar. Sabe muito bem que outrem poderia fazer as camas e tirar as refeições e lavar a roupa, e que sua família não notaria a diferença. O papel de mãe, ela quer reservar para si própria, mas não tem mais ligação com suas tarefas cotidianas do que o papel de pai com seu trabalho no escritório, na fábrica ou no campo.”

Página 150 – Burris e Frazier:

“Mas suspeito que para você **o mais difícil será convencer as mulheres das vantagens da vida comunitária**, — disse eu.

— Naturalmente! Os que têm mais a ganhar são sempre os mais difíceis de convencer. Isso é verdade também do trabalhador explorado — e pela mesma razão. Ambos foram **mantidos em seus lugares, não por forças externas, mas, muito mais sutilmente, por um sistema de crenças implantado dentro de suas peles**. Algumas vezes, é tarefa sem esperança tentar sacudir as cadeias de suas almas, mas pode ser feito. Mas, por falar em cadeias, não devo retê-los nem fazê-los atrasar para o trabalho.”

| | |
|-------------------------------|--|
| Questões relativas à educação | (Continuação) |
| | <p>Página 121 – Fala de Frazier:</p> <p>“Nós podemos adotar os melhores métodos educacionais e ainda evitar a máquina administrativa que as escolas necessitam a fim de ajustar a criança a uma estrutura social desfavorável.”</p> <p>Página - 145 Frazier “As condições da boa educação das crianças estão bem estabelecidas. Mas fracassamos na prática científica que se introduziu nos lares comuns. Não se conseguiu ensinar aos pais comuns os conhecimentos dos princípios mais elementares da ciência e isto não é estranho. O controle do comportamento é uma ciência complexa que não poderia ser compreendida pela maioria das mães sem uma instrução prévia de alguns anos. Mas a deficiência da educação de muitas crianças não se deve só à falta de habilidade técnica. Mesmo quando a mãe sabe o que se deve fazer, frequentemente não pode fazê-lo pelas muitas outras preocupações caseiras. O lar não é o lugar mais adequado para se educar crianças. — Ainda quando nossos jovens pais e mães chegam a ser competentes educadores de escola infantil, evitamos que exista uma dependência pessoal forte entre pais e filhos, continuou. Nosso objetivo é que cada membro adulto de Walden II considere todas as crianças como suas, e que cada criança considere todos os adultos como seus pais. Com este fim, estabeleceu-se a norma de que é de mau gosto preferir o filho próprio dando-lhe mostras de favoritismo. Se alguém quiser levar seu filho a passeio, o correto é levar também vários de seus amigos. Se se quiser comemorar o seu aniversário, todo mundo espera que se ofereça presentes similares aos convidados da festa. Pode-se permanecer tanto tempo quanto se queira com seus filhos, mas, fazê-lo de forma exclusiva é tabu. O resultado é que nenhuma criança recebe de seus pais alguma ajuda ou favor que não obtenham frequentemente de outras pessoas. Tiramo-la das saias de sua mãe. Desatamos o cordão umbilical.”</p> <p>Página 147 – Frazier:</p> <p>“E o que teria você dito então se eu tivesse proposto matar recém-nascidos do sexo feminino indesejáveis? — disse Frazier — No entanto tal prática é permitida em algumas culturas.”</p> |

(Continuação)

“O que é que sabemos realmente sobre a natureza da relação de parentesco? Sabemos qualquer coisa? Duvido.

— Isso lembra-me uma questão anterior do Sr. Castle, disse eu. O que acontece com a "identificação"? Vocês têm algum substituto para os pais como padrão para as crianças? Se os seus rapazes não querem "ser como papai" ou **num caso menos feliz "como mamãe"**, como são construídas as suas personalidades?”

“— Lembrem-se de **que os adultos que cuidam de nossas crianças são de ambos os sexos. Suprimimos os preconceitos existentes quanto às ocupações típicas de cada sexo e nos esforçamos de modo especial em manter um equilíbrio heterossexual entre os que trabalham nos jardins de infância e na escola.** Trabalhar nesta tarefa não representa uma perda de prestígio, e a muitos homens agrada positivamente. O trabalho no jardim de infância é muito parecido ao do técnico de laboratório altamente especializado. **Equilibrando os sexos, eliminamos todos os problemas freudianos que nascem das relações assimétricas com a mãe.**”

Página 148 – Frazier:

“Quem é inseguro? Acerca de que? Não nossas crianças, com certeza. Todas as oportunidades do mundo lhes são dadas para conseguirem afeição e ajuda de centenas de adultos. Você poderá encontrar a sua **criança insegura sob os cuidados de uma mãe sobrecarregada de trabalho e de emoções**, ou vivendo com pais briguentos, ou enviada à escola sem a preparação para os ajustamentos necessários, ou abandonada ao convívio com outras crianças de diferentes níveis de instrução. Nós aumentamos o sentimento de segurança de nossas crianças.”

Página 163 – Frazier:

“E nós necessitamos de contatos pessoais íntimos e satisfatórios. Devemos ter as melhores possibilidades de encontrar espíritos congêntos. Nosso Administrador Social cuida disso por meios engenhosos. E não restringimos as relações pessoais à conformidade dos padrões tradicionais.”

(Continuação)

“Nós desencorajamos atitudes de dominação e admoestação. Nosso objetivo é uma tolerância geral e afeição.”

Página 227 – Burris:

“Parece-me que uma situação séria pode aparecer sem aviso, insisti. — Suponha que vocês admitam uma família com um menino de catorze anos que tem um problema de agressividade sexual. Enquanto isso, vocês criaram uma porção de jovens equilibrados com uma atitude saudável em relação ao sexo. O menino não irá causar problema?

— Como? Seduzindo nossas meninas?

— Bem, sim. Ou contando histórias sujas e assim por diante. Frazier riu convulsivamente.

— Você me põe numa posição curiosa, disse ele, afinal. Devo agora provar que Virtude é uma defesa e um escudo. Naturalmente, não aceitaríamos nenhum criminoso real. Não pretendemos funcionar como um reformatório. A sociedade fez o criminoso e deve tomar conta dele. Mas a agressividade sexual comum aos rapazes de catorze anos não é problema nenhum. Ele será imediatamente considerado independente e seus laços com a família ficarão rompidos. Isso remove parte da condição excitatória. Encontrar-se-á entre rapazes de sua idade que são dois anos mais maduros. Mais proficientes nas artes e nas ciências tanto quanto no trato social. Eles nunca acharam o sexo divertido ou secretamente excitante. Conhecem as funções corporais de ambos os sexos e visam o casamento dentro de um par de anos. Têm irmãos, irmãs e amigos ligeiramente mais velhos do que eles que são casados e têm filhos. A primeira tentativa de humor erótico por parte do recém-chegado será o grande fracasso que merece ser. Não causará surpresa, porque nossos jovens foram informados das práticas sexuais das crianças na sociedade em geral. Será simplesmente classificado como uma deficiência — como uma gramática pobre; e boa parte da contra-educação virá dos próprios rapazes.

— E quanto às suas meninas? Vocês realmente não temem que elas sejam prejudicadas por obscenidades ou tentativa de sedução? — insisti.

Frazier riu novamente.”

| | |
|---|---|
| | <p style="text-align: right;">(Continuação)</p> <p>“— Você está esquecendo a posição dos sexos em Walden II. A menina de catorze anos é um tanto mais madura que os rapazes da mesma idade. O interesse sexual do recém-chegado não vai absolutamente surpreendê-la ou perturbá-la.”</p> |
| <p>Questões relativas à sexualidade</p> | <p>Página 134 – Fala de Frazier:</p> <p>“Mas o que tem de insano o sexo? Por que tem que haver um substitutivo? Que tem de mal o amor, o matrimônio, a paternidade? Nada se resolve com atrasá-los; ao contrário, tudo se complica. As aberrações mais ou menos patológicas que se seguem, são facilmente reconhecidas. E há muito mais. Geralmente, os ajustes sexuais normais acabam sendo impossíveis e o elemento esportivo no sexo é provocado — toda pessoa do sexo oposto se converte em objeto de sedução. É uma característica cultural fastidiosa que, com prazer, tratamos de evitar aqui; a promiscuidade agressiva é tão pouco natural como as brigas, a tendência à gozação ou a de dar palmadas amistosas nas costas. Mas, se se insistir em transformar o sexo em jogo ou caçada antes de tomá-lo com seriedade como se pode esperar uma atitude sadia mais tarde?”</p> <p>REPETIDO</p> <p>Página 227 – Burris:</p> <p>“Parece-me que uma situação séria pode aparecer sem aviso, insisti.</p> <p>— Suponha que vocês admitam uma família com um menino de catorze anos que tem um problema de agressividade sexual. Enquanto isso, vocês criaram uma porção de jovens equilibrados com uma atitude saudável em relação ao sexo. O menino não irá causar problema?</p> <p>— Como? Seduzindo nossas meninas?</p> <p>— Bem, sim. Ou contando histórias sujas e assim por diante. Frazier riu convulsivamente.</p> <p>— Você me põe numa posição curiosa, disse ele, afinal. Devo agora provar que Virtude é uma defesa e um escudo. Naturalmente, não aceitaríamos nenhum criminoso real. Não pretendemos funcionar como um reformatório. A sociedade fez o criminoso e deve tomar conta dele.”</p> |

| | |
|---|---|
| | <p style="text-align: right;">(Continuação)</p> <p>“Mas a agressividade sexual comum aos rapazes de catorze anos não é problema nenhum.”</p> <p>“Ele será imediatamente considerado independente e seus laços com a família ficarão rompidos. Isso remove parte da condição excitatória. Encontrar-se-á entre rapazes de sua idade que são dois anos mais maduros. Mais proficientes nas artes e nas ciências tanto quanto no trato social. Eles nunca acharam o sexo divertido ou secretamente excitante. Conhecem as funções corporais de ambos os sexos e visam o casamento dentro de um par de anos. Têm irmãos, irmãs e amigos ligeiramente mais velhos do que eles que são casados e têm filhos. A primeira tentativa de humor erótico por parte do recém-chegado será o grande fracasso que merece ser. Não causará surpresa, porque nossos jovens foram informados das práticas sexuais das crianças na sociedade em geral. Será simplesmente classificado como uma deficiência — como uma gramática pobre; e boa parte da contra-educação virá dos próprios rapazes.</p> <p>— E quanto às suas meninas? Vocês realmente não temem que elas sejam prejudicadas por obscenidades ou tentativa de sedução?</p> <p>— insisti.</p> <p>Frazier riu novamente.</p> <p>— Você está esquecendo a posição dos sexos em Walden II. A menina de catorze anos é um tanto mais madura que os rapazes da mesma idade. O interesse sexual do recém-chegado não vai absolutamente surpreendê-la ou perturbá-la.”</p> |
| <p>Questões relativas à maternidade/casamento</p> | <p>Página 101 – Castle:</p> <p>“(…) e o amor materno? Frazier e a Sra. Nash olharam-se e riram. — Refere-se ao amor materno como essência, Sr. Castle? disse Frazier.</p> <p>— Não! Disse Castle irritando-se. Falo de algo concreto. Falo do amor que a mãe proporciona a seu filho, o afeto. Bem, para ser realmente concreto, os beijos, as carícias, etc, suponho que lhes ocorreriam. Vocês não podem esperar que eu lhes dê as dimensões físicas do amor de mãe! — Ele estava confuso e arrebatado. — É muito real para a criança, aposto! Acrescentou zangado.”</p> <p>— “Muito real, disse Frazier calmamente.”</p> |

(Continuação)

“E o ministramos em doses generosas. **Mas não o limitamos ao amor materno, ampliamo-lo ao paterno também**, ao amor de todos, ao amor comunitário, se preferir.”

“As nossas crianças são tratadas com afeto por todos — com afeto planejado também, que não está sujeito a irritações decorrentes de excesso de trabalho ou descuidos devido à ignorância.

— Mas a relação pessoal entre mãe e filho não é uma norma? Julguei que a personalidade seria modelada desta forma. Castle virou-se para mim à procura de apoio profissional, mas eu lhe faltei.

— Suponho que se refere ao que os freudianos chamam "identificação", disse Frazier. Estou de acordo em que é importante e utilizamo-la eficientemente em nosso sistema educacional. Mas, a não ser que você seja rigorosamente freudiano, estamos perdendo tempo com essa discussão.”

Página 131 – Fala de Frazier:

“**A média de idade de uma mãe de Walden II, em seu primeiro parto, é dezoito anos** e esperamos que essa média abaixe ainda mais. A guerra impediu um pouco esses objetivos.”

Página 133 – Fala de Frazier “— **Não há dúvida de que a ideia de uma menina se casar um ou dois anos após a puberdade choca-os** como algo característico das culturas primitivas. Ou, pior ainda, de comunidades atrasadas como as que existem ainda em nosso próprio país, — disse. — Os matrimônios precoces são considerados desaconselháveis. As estatísticas mostram que tendem a ser menos bem-sucedidos a longo prazo e que são, quase sempre, inviáveis de um ponto de vista econômico. Não necessito recordar-lhes que, contudo, **em Walden II, não há obstáculos econômicos para casar-se, seja qual for a idade dos cônjuges**. Os jovens casais vivem igualmente bem, casados ou não. Às crianças, são dados cuidados iguais, não importando a experiência, a idade ou o poder aquisitivo dos pais.”

Página 134 – Bárbara:

“**Meninas tão jovens podem dar à luz com facilidade?** — perguntou Bárbara.

(Continuação)

“— Com mais facilidade que as mais velhas, disse Frazier mansamente, como se ele mesmo houvesse dado à luz vários filhos em sua adolescência. Asseguramo-nos, é claro, de que a jovem seja capaz de uma gravidez normal. Mas isso deveria ser comprovado em qualquer idade.

— E durante quanto tempo segue tendo filhos?

— Tanto tempo quanto queira, mas, geralmente, não mais do que o normal. Se, por exemplo, quiser quatro filhos, terá terminado de procriar aos vinte e dois ou vinte e três anos. Isto não é excessivamente rápido porque a mãe se livra do penoso trabalho de criar.”

Página 135 – Continuação:

“e cuidar dos filhos, ainda que tenha de trabalhar um pouco diariamente no jardim de infância; e, além do mais, porque lhe é dado um atendimento médico excelente. Aos vinte e três anos, encontrar-se-á tão jovem de corpo e de espírito como se houvesse passado esses anos solteira. Sua vida como mulher adulta se apresenta cheia de interessantes perspectivas. E, nesse aspecto, **encontra-se em circunstâncias parecidas com as do homem. Fez sua contribuição especial que é tanto sua obrigação como seu privilégio por ser mulher e pode ocupar um lugar na vida sem distinção de sexo. Já observaram a total igualdade de homens e mulheres entre nós. Não existem trabalhos que não possam ser feitos indistintamente pelos dois sexos.**”

Página 137 – Frazier:

“Quando dois jovens ficam noivos, vão ao Administrador de Matrimônios. Este examina seus interesses, seus antecedentes escolares e sua saúde. Se houver uma discrepância considerável na capacidade intelectual ou no temperamento, aconselha-os a não se casarem. Pelo menos, que atrasem o casamento, e isso significa, habitualmente, abandonar todo o projeto de matrimônio.

— É tão fácil assim? — perguntei.

— Normalmente, sim. As oportunidades existentes para conseguir outro noivo ou noiva ajudam muito, como no caso do ciúme pessoal.”

(Continuação)

“— Mas não estão pondo a perder os melhores anos de uma menina obrigando-a a casar-se tão jovem? — disse Bárbara.

— **Ela não é "obrigada" a se casar. Isso se deixa à sua vontade.** Se o fizer, é possível que perca alguns dos anos juvenis, pintados com tintas mais românticas pela nossa literatura, mas os recuperará logo que haja terminado de dar à luz seus filhos. E estes anos novos serão realmente melhores do que os que teve a perder. **Para a maioria das mulheres, a adolescência é um período de preocupação pelo seu êxito pessoal e pelo matrimônio. Para as mais afortunadas, supõe uma falsa excitação. A imagem de uma resplandescente jovem debutante rodeada por um grupo de solícitos enamorados é um artificial pedaço de fantasia de que a civilização pode muito bem prescindir.**”

Página 142- Frazier:

“Bem, por exemplo, **a conveniência de quartos separados para marido e mulher.** Não é obrigatório, mas, a longo prazo, geralmente conservam relações conjugais mais satisfatórias do que quando utilizam uma habitação comum. Muitos dos nossos visitantes supõem que a vida em comunidade signifique o sacrifício da intimidade. Mas, pelo contrário, conseguimos que exista muito mais intimidade pessoal do que, provavelmente, possa ser encontrada no mundo exterior. Aqui pode-se estar só sempre que se queira. **O quarto de um homem é o seu castelo e o mesmo podemos dizer do de uma mulher**”

“A habitação individual fazia o indivíduo mais feliz, melhor adaptado e ainda tendia a fortalecer o amor e o afeto entre marido e mulher.”

“Ao contrário; perpetuamos a lealdade e o afeto. Dessa forma, podemos estar seguros de que todo afeto, quando se mantém, é autêntico e não resultado de um regime policial, e, por isso, orgu

Página 143 – Continuação:

“Ihamo-nos dele. Como podem ver, colocamos o afeto constante a um nível muito elevado.”

(Continuação)

“— O fato é, simplesmente, que não há mais **promiscuidade** em Walden II do que na sociedade em geral. E, provavelmente, há menos. Entre outras coisas, **encorajamos a simples amizade entre sexos, enquanto que o mundo exterior não faz mais que proibi-las.** E o que poderia ser uma amizade agradável, tem de se converter em algo clandestino. Aqui favorecemos a amizade. **Não praticamos o "amor livre", mas apoiamos o "afeto livre".** E este nos leva a satisfazer necessidades que, em outros lugares, conduzem à promiscuidade. Estabelecemos, com êxito, **o princípio da "sedução não suposta". Quando um homem começa a se relacionar com uma mulher, não se preocupa em fazer avanços nem a mulher se sente magoada quando ele não tenta.** Essa espécie de jogo sexual é considerada, portanto, no seu valor justo: não como símbolo de potência, mas como prova de desassossego ou instabilidade.

— Não quero dizer com isto que, em Walden II, nunca houve relações "ilícitas" — continuou Frazier — mas estou seguro de que, entre nós, **o sexo sem amor se reduziu ao mínimo.** Não encaramos o amor extra-marital como algo totalmente justificado ou sem dificuldades. O problema do cônjuge abandonado permanece. Mas, fizemos todo o possível para evitar que se sinta infeliz. Faz parte do Código de Walden II evitar mexericos sobre as relações pessoais e qualquer pequena insinuação neste sentido pode ser evitada, quase sempre com facilidade. Nestes casos, também são de grande ajuda nossas grandes possibilidades de afeto. Ninguém chega a se sentir realmente muito abandonado. Não há muito orgulho ferido. Por enquanto, é o máximo que podemos fazer.

Não é uma solução definitiva, mas já é um progresso. Lembrem-se que muitas culturas toleram em determinadas circunstâncias a troca de cônjuge. Apenas temos que ver os frequentes divórcios entre os que podem se dar a este luxo. Não chegamos até esse ponto e não chegaremos nunca. De um prisma puramente econômico, poderíamos seguir adiante sem matrimônios permanentes. Mas o afeto pessoal estável é algo mais que uma racionalização romântica de uma unidade econômica”

| | |
|---|--|
| <p>Referências a personagens mulheres</p> | <p>Página: 15 - Burris narrando (Continuação)</p> <p>“Tinha uma desenvoltura no trato que poderia ser chamada de atrevimento” (Bárbara Macklin).</p> <p>“menor que Bárbara e não tão bem feita de corpo” (Mary Grove).</p> <p>“Sentamos no escritório, as moças nas cadeiras e nós, homens, tão confortavelmente quanto possível, sobre a minha escrivaninha e uma mesa.”</p> <p>Página 16 “As garotas, percebi com algum choque, tinham sido aceitas como membros do grupo desde o princípio. ”</p> <p>Página 35 – Burris para Frazier:</p> <p>“Eu posso entender por que um construtor de utopias escolheria ser cercado apenas de mulheres bonitas (...). Mas fico espantado com o sucesso que você teve.”</p> <p>“Mas a maioria das mulheres não são tão atraentes quanto estas”</p> <p>Página 71 – Burris:</p> <p>“De modo que Bárbara é uma "lai-dy", disse eu enquanto levávamos o café para a mesa. — Ela é muito simpática, disse Mary. E é linda, não é? Nunca conheci ninguém como ela. ”</p> <p>Página 220 – Burris:</p> <p>“Não estava a ponto de subscrever o programa de Walden II, mas o que havia de errado nele?”</p> <p>“Tinha que descobrir algo. A economia era bastante sólida, reconhecia isso. Mas havia uma possibilidade de que o ponto fraco na coisa toda fosse o fato de haver demasiado lazer. As artes, ofícios e esportes que Frazier tinha selecionado poderiam constituir passatempo para muitos membros, particularmente para os de talento. Mas, e quanto à dona-de-casa típica de classe média? O que faria ela com oito ou dez horas de lazer por dia? Ela não se aborreceria? Ou ficaria impaciente e desconfortável?”</p> |
|---|--|

(Continuação)

“E agora, ali estava ela sentada — o caso exato que eu tinha em mente! E ali parei eu, trespassado. Ela foi a primeira a se mexer. Virou-se e sorriu.

— Este é o meu lugar favorito, disse ela. Eu adoro flores.

— É um bonito lugar, concordei. ”

[...] p. 221- 222

“— Que tipo de trabalho a Sra. faz? — **Cozinha. Pastelaria.** Não dá para adivinhar? — Quantos créditos eles lhe dão por esse tipo de trabalho? — Oh, eu não sei. Só faço as tortas e bolos. Há algumas boas meninas que me ajudam. O Sr. **Engelbaum também.** — **O que faz o Sr. Engelbaum? — perguntei.** — **Faz tortas.** — Quanto tempo vocês trabalham? — Oh, até tirar do forno as tortas e bolos. Manhãs. — Isso não lhe dá muito tempo sem nada para fazer? — Eu quase nunca fico sem fazer nada. Estava fazendo alguma coisa quando você chegou; era uma espécie de descanso. — O que mais a Sra. faz com o seu tempo? — Oh, **há as crianças de minha filha e seus amiguinhos. Passo muito tempo com elas. Estes dias estou ensinando-as a cozinhar. Tortas e bolos. E também tomo conta delas enquanto nadam.** E nesta época do ano também tenho um jardim de flores. Adoro flores. Não se pode ver o meu canteiro daqui. Sempre escolho um mais abaixo. Gosto de sentar aqui na minha cadeira e não gostaria que as pessoas pensassem que estou sentada olhando o meu próprio jardim. — E o que mais a Sra. faz? — Bem, há o nosso clube de gamão e, às vezes, quando não podemos sair, fazemos tapeçaria. É uma coisa linda. Somos sete trabalhando nisso. Um dos jovens artistas fez o desenho. Usamos um ponto engraçado. Nunca vi nada parecido. Lindo, entretanto. — Vocês todas simplesmente **sentam e bordam essa tapeçaria?** — Bordar não é tudo o que fazemos! Nós conversamos. Não há muita coisa que não conheçamos. Sabemos as notícias mais rapidamente do que esse papelzinho que os jovens publicam.— **Isso é suficiente para mantê-la ocupada?** — **Isso não me mantém ocupada. Há anos que eu não estou ocupada.** Eu posso vir aqui quando quiser. É um lindo lugar, não é? — É, disse eu. E a senhora, uma das coisas mais lindas nele. Ela sorriu abertamente. — Por que você não fica conosco permanentemente? — disse ela.”

| | |
|--------------------|--|
| | <p style="text-align: right;">(Continuação)</p> <p>“Os rapazes lhe fariam uma dessas cadeiras se você lhes pedisse. Você poderia encostá-la na parede ali quando não a estivesse usando, como eu faço. Eu gosto de falar com você. E talvez você deixasse de ser tão soturno depois de algum tempo. Eu disse que não podia imaginar nada melhor e fui embora. Na verdade, um caso não prova nada, mas, que diabo, era óbvio que essa gente podia ser feliz com "nada para fazer". Antes de alcançar meu quarto, eu estava ficando bastante violento.</p> <p>Que cinismo extraordinário — esta idéia de que nada, exceto trabalho duro, podia evitar o tédio!</p> |
| Vestuário feminino | <p>Página 36 – Fala da Sra. Meyerson</p> <p>“Um grande número de mulheres poderia ser muito atraente (...). Cada qual à sua própria maneira. Aqui nós não estamos tanto à mercê dos desenhistas comerciais e muitas de nossas mulheres conseguem parecer bastante bonitas, simplesmente porque elas não são obrigadas a se vestir dentro dos limites restritos.”</p> <p>Fala de Frazier:</p> <p>“O fim de um estilo não é um processo natural mas uma mudança manipulada que destrói a beleza de um vestido do ano passado para torna-lo inútil. Opusemo-nos a isto ampliando os nossos gostos. Mas a mudança exigida ainda não se deu em você. Dentro de uns dois dias você saberá o que quero dizer. Pequenos detalhes que agora parecem fora de moda e que, apesar do que você diz, devem perturbar a sua apreciação, parecerão, então, naturais e agradáveis. Você descobrirá que uma linha ou característica nunca é datada em si, assim como você eventualmente considera o vestuário de um outro país bonito mesmo que sua primeira impressão seja de cômico ou feio”</p> <p>Fala da Sra. Meyerson: “Penso que a senhorita Macklin entenderá o que o senhor Frazier está tentando dizer (...). Você se incomodaria em dizer o que pensa do nosso vestuário?”</p> <p>Fala de Bárbara:</p> <p>“(…) Não acho que tenha notado qualquer coisa de anormal em qualquer um de vocês. Juntos, no entanto... eu não sei.”</p> |

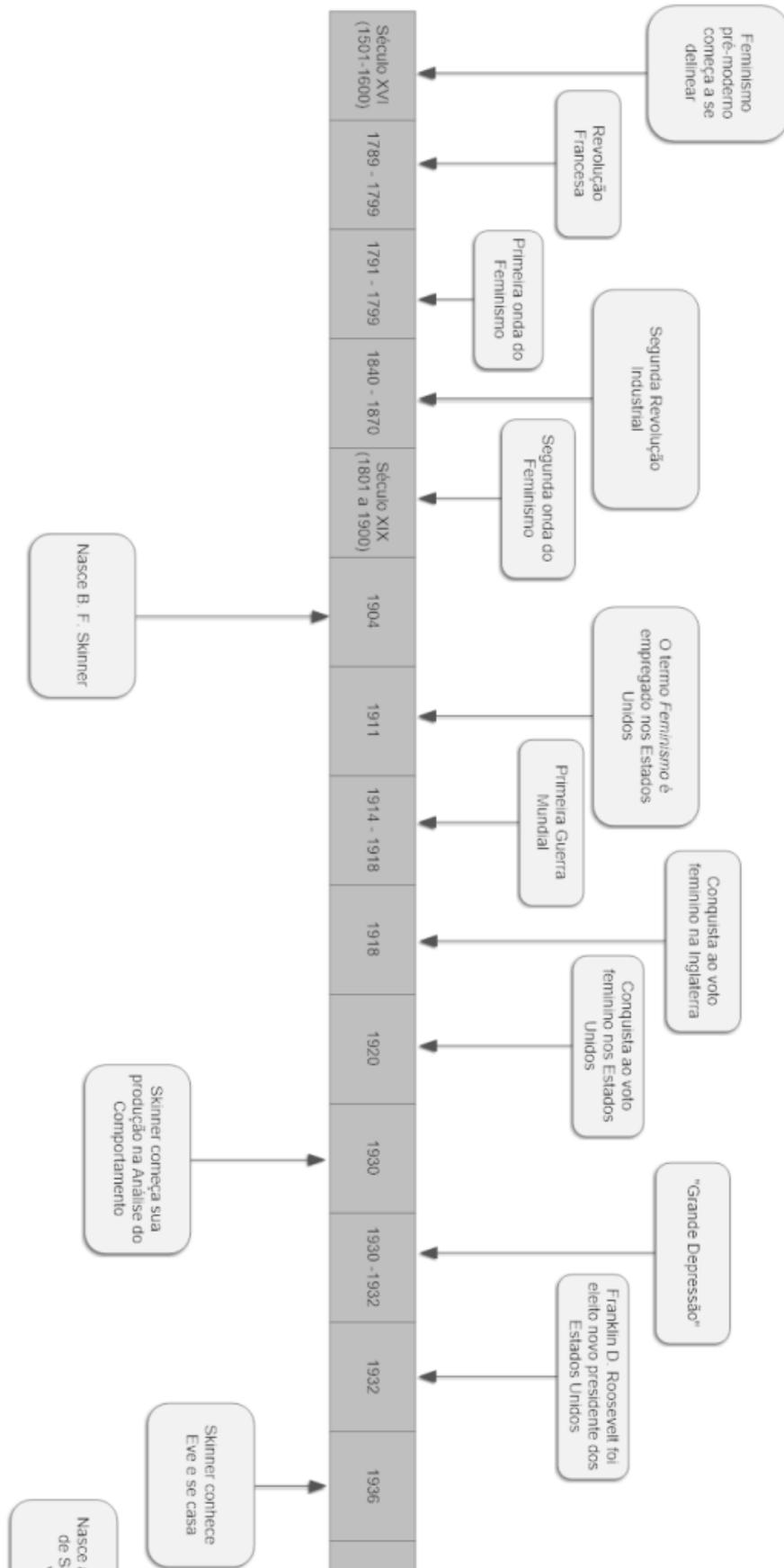
| | |
|-----------------------------|---|
| | <p style="text-align: right;">(Continuação)</p> <p>“Alguma coisa quanto ao cabelo, por alguma razão. É muito atraente, mas não sempre na moda.”</p> <p>“Entretanto, isso é um estilo (...). Vocês são como mulheres de países diferentes. E muitas de vocês são lindas.”</p> <p>Fala da Sra. Meyerson: “encorajamos a variedade”</p> <p>“Nós simplesmente escolhemos o tipo de roupa que sofre a mudança mais lenta – ternos, malhas e saias, ou blusas e saias etc.”</p> <p>Página 39 - Fala de Burris “seus homens parecem estar vestidos um pouco pior que suas mulheres, tanto quanto à distinção quanto à seriedade”</p> <p>Resposta de Frazier “Não é realmente uma diferença de sexo, insisto. Ainda não nos libertamos da cultura da qual viemos. Os homens são menos dependentes quanto à roupa, mesmo aqui. Para essa hora do dia, jaqueta ou malha e casaco de couro no tempo mais frio será suficiente. E nada de gravata. Definitivamente, nada de gravata. ”</p> <p>“Você está pensando num mundo em que roupa fina é sinal de riqueza.”</p> |
| <p>Mulher como “objeto”</p> | <p>Página 56 - Frazier: “O fato é que é muito pouco provável que qualquer pessoa em Walden II anseie tão firmemente por um curso de ação a ponto de ser infeliz se a possibilidade escolhida não lhe estiver aberta. Isso é verdade tanto a respeito de uma mulher quanto de uma profissão. Inveja pessoal é quase desconhecida entre nós”</p> <p>Página 105 – Castle: “Isso faz supor que vocês conseguem tudo o que querem, disse Castle. — Mas e as posses sociais? “Ontem à noite você se referiu ao jovem que escolhe moça ou profissão determinadas. Ainda há possibilidade de ciúme, não acha?”</p> |

(Conclusão)

“— Não há porque deduzir que conseguimos tudo o que desejamos — disse Frazier. — Certamente que não. Mas o ciúme não ajudaria.”

APÊNDICE B – Linha do tempo

(continua)



(Conclusão)

